

**esec**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final

Duas Famílias um Único Objetivo

Marina Raquel Caetano Pratas

Coimbra, 2018



**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Marina Raquel Caetano Pratas

## Relatório Final

### Duas Famílias um Único Objetivo

Relatório final de Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para Obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professor Doutor Pedro Balaus Custódio

Arguente: Professora Doutora Sílvia Maria Rodrigues da Cruz Parreiral

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Fernandes das Neves







“O futuro do país está nas mãos da Educação, por isso, família e escola precisam andar juntas, trilhando o caminho do sucesso”

Josiene Rocha (2015)



## **Agradecimentos**

Com este Relatório termina um ciclo de formação pessoal e profissional que espelha as contribuições diretas e indiretas de um conjunto de pessoas que, ao longo deste percurso, também o tornaram possível, e às quais não poderia deixar de agradecer.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha família, por tudo o que me proporcionou e por todo o apoio, sem ela não era possível. Sem dúvida que foi ela o meu grande pilar, o qual sempre me deu suporte ao longo de todo o processo.

À minha orientadora, professora doutora Maria de Fátima Neves, que com a sua orientação, me levou a fazer mais e melhor, conduzindo-me até ao final deste relatório.

À minha professora e amiga de sempre, o meu muito obrigado, pela força e acompanhamento ao longo de todo este percurso. Não só deste mas de todos os outros. Muito obrigada.

Às amigas que levo para a vida, por todos os momentos partilhados e pelas palavras de incentivo ao longo desta etapa. Obrigado por estarem sempre presentes. À Filipa, pelo percurso percorrido que fizemos juntas desde o primeiro instante nesta escola. À Eva, por ter escolhido esta escola, permitindo que a conhecesse e com ela partilhasse momentos fantásticos. E à Catarina, por todas as partilhas, todas as conquistas, pelo grande estágio que fizemos e, por todos os motivos e mais alguns.

Agradeço ainda a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta tarefa tivesse chegado ao fim. O meu muito obrigado.



## **Duas Famílias um Único Objetivo**

Resumo: Já há algum tempo que se tem vindo a estudar e a refletir em torno da relação entre a família e o jardim-de-infância. É um tema que tem interessado a vários autores como Homem (2002), Magalhães (2007), Marques (2001) e Portugal (1998), bem como aos profissionais que trabalham no seio da escola e jardim-de-infância. Encontramos quem valorize as relações entre a família e as escolas/jardim-de-infância e quem considere que a escola/jardim-de-infância são espaços onde as famílias não devem intervir de forma direta.

Sabendo que é na família, na escola e na comunidade que ocorrem todas as aprendizagens e experiências significativas com uma influência decisiva no processo de socialização de todas as crianças, entendemos ser relevante salientar que a relação escola/família deve ser suficientemente capaz de permitir uma maior participação de todos, na vida de cada criança.

Este estudo encontra-se organizado em duas partes fundamentais: a primeira aborda todo o enquadramento teórico acerca deste tema, na segunda parte é apresentado o estudo empírico efetuado num jardim-de-infância, referem-se as conclusões finais do estudo e, numa perspetiva crítica, reflete-se sobre algumas considerações que nos pareceram ainda suscetíveis de maior atenção e possível intervenção.

**Palavras-chave:** Relação Jardim de Infância/ Família Colaboração; Educação pré-escolar

## **Two Families One Purpose**

**Abstract:** For some time now we have been studying and reflecting around the relationship between family and kindergarten. This is a theme that has interested several authors like Homem (2002), Magalhães (2007), Marques (2001) and Portugal (1998), as well as to the professionals who work in the school and kindergarten. We find some authors that valorize the relationships between the family and the school/kindergarten and some that consider the school/kindergarten are spaces where families should not interfere directly.

Knowing that it is in the family, school and community that all significant learning and experiences have a decisive influence on the socialization process of all children, we understand that it is important to emphasize that the school/family relationship must be sufficiently able of allowing a greater participation in the life of each child.

This study is organized in two fundamental parts: the first covers the entire theoretical framework on this topic. In the second part we present the empirical study carried out in a kindergarten, the final conclusions of this study refer and, in a critical perspective, we reflected on some considerations that seemed to us still susceptible of greater attention and possible intervention.

**Keywords:** Kindergarten/Family Relationship Collaboration; Pre-school education

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	5
Nota introdutória .....	7
1. Família .....	9
1.1 A Criança e a Família .....	9
1.2 Sistema familiar – a família, um conceito em evolução .....	10
1.3 A família como primeiro espaço educativo .....	12
2. A Educação Pré-escolar .....	13
2.1 A educação pré-escolar: um serviço educativo e social .....	13
2.2 Perfil de desempenho do Educador de Infância.....	15
3. Relação Família-Escola.....	18
3.1 A relação família/jardim-de-infância: contributos para a compreensão .....	18
3.2 A Participação das famílias no jardim-de-infância: Como, Porquê e Para quê?.....	21
3.3 Envolvimento parental no jardim-de-infância: Que estratégias para a sua promoção?.....	23
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO .....	27
Contextualização do estudo .....	29
Metodologia.....	31
Instrumentos de recolha e análise de dados .....	32
Apresentação dos Resultados .....	36
Análise e interpretação dos dados.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	63
ANEXOS .....	69
Anexo 1 - Questionário às Famílias .....	71
Anexo 2- Análise dos desenhos realizados pelas crianças .....	76
Anexo 3 - Questões para a entrevista às crianças .....	107
Anexo 4 - Resposta das crianças à entrevista .....	108
Anexo 6 – Registo fotográfico do Mural Jardim-de-infância / Família .....	114

## **Índice de Gráficos**

Gráfico 1 Distribuição de frequências por sexo .....	36
Gráfico 2 Distribuição de frequências por idade.....	36
Gráfico 3 Distribuição de frequências relativamente ao estado civil.....	37
Gráfico 4 Distribuição de frequências relativamente às habilitações literárias .....	37
Gráfico 5 Distribuição de frequências relativa à profissão .....	38
Gráfico 6 Distribuição de frequências relativamente ao sexo da criança que frequenta o Jardim-de-infância.....	38
Gráfico 7 Distribuição de frequências relativas à ligação institucional com a criança...	39
Gráfico 8 Distribuição de frequências relativamente à deslocação ao jardim-de-infância .....	39
Gráfico 9 Distribuição de frequências relativamente à periodicidade com que se deslocam ao jardim-de-infância .....	40
Gráfico 10 Distribuição de frequências relativamente ao facto de estar informado/a sobre os assuntos do jardim-de-infância .....	40
Gráfico 11 Distribuição de frequências relativamente à participação nas iniciativas promovidas pelo jardim-de-infância .....	41
Gráfico 12 Distribuição de frequências relativamente às iniciativas em que participam.....	41

Gráfico 13 Distribuição de frequências relativamente à relação estabelecida com a educadora .....	42
Gráfico 14 Distribuição de frequências relativamente aos motivos da relação com a educadora .....	42
Gráfico 15 Distribuição de frequências relativamente à comunicação com a educadora .....	43
Gráfico 16 Distribuição de frequências relativamente à participação nas atividades.....	43
Gráfico 17 Distribuição de frequências relativamente à importância do jardim-de-infância.....	44
Gráfico 18 Distribuição de frequências acerca das sugestões.....	44



## **INTRODUÇÃO**



O presente Relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, integrado na unidade curricular de Prática Educativa I e II. O título “Duas Famílias, um único objetivo” surge associado ao facto de, muitas vezes, as crianças sentirem que também a escola, para elas, é uma família da qual fazem parte e onde se sentem bem. Efetivamente, tanto a família como a escola têm, entre os seus objetivos, proporcionarem à criança as experiências significativas e necessárias ao seu desenvolvimento num ambiente de bem-estar e felicidade.

Para que tal se concretize é necessário que a família e a escola mantenham uma boa relação e se lembrem constantemente que “O ponto de encontro da relação família-escola é o educando, cuja pessoa constitui a razão de ser desta relação, reputada de vital, pois incide em cada uma das dimensões perfectíveis do ser humano” (Diez, 1989, p. 89)

Deste modo, este relatório, é o produto final de todas as experiências vivenciadas durante a prática educativa no jardim-de-infância, bem como o resultado do meu percurso académico. Ao longo deste processo de formação, ressaltaram alguns momentos que, e cada um à sua medida, permitiram o aprofundamento de conhecimentos e o desenvolvimento de competências, contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Este trabalho encontra-se organizado em duas partes, distintas, mas complementares na sua estrutura e lógica sequencial de conteúdos desenvolvidos e apresentados. Assim: na primeira parte, apresentamos o tema que decidimos estudar, bem como o enquadramento teórico que entendemos adequado e suficientemente capaz de fundamentar, à luz da literatura, a temática que serviu de base ao nosso estágio e à nossa pesquisa. Na segunda parte traçamos todo o caminho percorrido na realização do nosso estudo empírico. Também apresentamos e discutimos criticamente as conclusões a que chegámos com a preocupação de, sempre que se revelou pertinente, avançar com possíveis propostas de melhoria.



## **PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## Nota introdutória

Segundo Justino de Magalhães (citado por Vasconcelos, 2009, p.18) a Educação de Infância:

“É de uma história que tal como o destino da criança e da sua educação há-de mediar entre o privado e o público; uma história escrita em sintonia com a história da família, com a história da mulher; uma história entre a família e a escola; uma história que oscila entre a proteção e a afetividade a um lado, e a racionalidade científica e técnica a outro; uma história entre a intuição, um “saber fazer” a um lado e uma normatividade teórico-prática a outro; uma história adiada e marcada por adiamentos mas também uma história fecundada pelo fabuloso, pelo utópico, pelo sonho”.

A este propósito tem-se revelado importante falar não só da evolução da educação de infância, mas, também, falar da história da família, das mulheres, da escolarização e da formação de professores.

Além disso, e atendendo às constantes transformações do mundo, são inevitáveis as mudanças nos atuais processos de socialização. E sabendo-se que é na família mas também na escola e na comunidade que “... ocorrem as primeiras experiências relacionais das crianças com influência decisiva no seu processo de socialização” (Magalhães, 2007, p. 11), reconhece-se a importância de se abrirem portas e removerem barreiras entre a escola e a família para que, assim, todos possam beneficiar e crescer de forma saudável.

“Desde muito cedo, a importância de “abrir portas de ambos os lados”, quer no que se refere a contextos educativos quer no que se refere a contextos familiares, é uma forma de assegurar a estabilidade e a continuidade nas relações entre sistemas fundamentais para a socialização das crianças, que deveriam existir desde o princípio da vida e prolongarem-se ao longo da infância.” (Magalhães, 2007, p. 11)

Esta estabilidade e continuidade nas relações só são possíveis se todos os intervenientes estiverem dispostos a colaborar e promover essa relação tão importante para as crianças. Mas nem sempre essa é uma realidade. Em muitos casos esta relação

não se verifica, o que conduz a um progressivo afastamento da escola e da família. É neste sentido que nos surge a inquietação e as questões que nortearam este estudo. Tendo como questão primordial o querermos perceber como é vivenciada a relação entre o jardim-de-infância e a família e de que forma tal relação é entendida, quer pelas famílias quer pelas crianças.

## **1. Família**

### **1.1 A Criança e a Família**

Segundo o dicionário “Primeram” ser criança é um menino ou menina que se encontra no período da infância (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

O período da infância compreende todas as idades desde um recém-nascido até à pré-adolescência, e nesta fase que a criança desenvolve uma série de aprendizagens e capacidades, não só ao nível da formação, como também ao nível psicológico envolvendo mudanças de comportamento e a aquisição das bases da sua personalidade.

Borsari (2006) citando Zenita C. Guenther (s/d) refere que “Hoje temos consciência que o maior recurso existente está dentro do ser humano e não fora dele: é a capacidade, o talento e o seu potencial que se renova a cada geração.” (Borsari, 2006, p. 125).

Esta capacidade, talento e potencial não se desenvolvem sozinhos, para isso é necessário estimular e orientar as crianças para que cresçam e se desenvolvam de forma harmoniosa para que se tornem adultos completos e felizes.

A socialização das crianças desempenha um fator fundamental para esse desenvolvimento, na medida em que “consiste no processo através do qual os indivíduos aprendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que vivem, mediante a interação com o seu meio mais próximo e, em especial, a sua família” (Pinto & Sarmiento, 1997, p. 45).

O meio mais próximo de cada criança é a sua família e segundo Rodrigues-Lopes:

“A família é uma entidade cultural, com incidência social, política, económica e psicológica sobre a pessoa humana. Na verdade, como entidade cultural, foi diferente ao longo dos tempos e é distinta em múltiplas culturas, submetendo-se, muitas vezes, ao peso das ideologias dominantes e à subversão dos valores que a sustentam enquanto dimensões essenciais da natureza humana.” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 2).

Desde que nascem, as crianças veem na sua família o modelo de interação mais precoce que estabelecem com o mundo, imitam os membros da sua família nas crenças, nas atitudes e ações, e na forma como reagem a novas experiências. Mas todo este

processo tem-se alterado ao longo o tempo, fruto da transformação que o tem caracterizado.

## **1.2 Sistema familiar – a família, um conceito em evolução**

A família na sua dinâmica social, tem-se transformado ao longo do tempo “acompanhando as mudanças religiosas, económicas e socioculturais do contexto em que se encontram inseridas. Esta é um espaço sociocultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído” (Costa & Ferrer, 2011). Na verdade, “é vista como um sistema que tem sido afetado por fatores externos e internos que vieram alterar o conceito que hoje temos dela.” (Magalhães, 2007, p. 50).

A família tem evoluído na sua estrutura dando origem a uma diversidade de expressões culturais relativas a novas formas de família, que passaram a ter forte presença na sociedade de hoje. A este propósito é “indispensável uma tomada de consciência sobre o carácter fundamental da realidade familiar local, onde se promove a dignidade e o desenvolvimento integral da pessoa” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 257).

Por sua vez, os indicadores demográficos dos comportamentos familiares em Portugal, mostram uma descida da natalidade e da nupcialidade e um aumento dos divórcios. O que por sua vez pode estar na base dos novos modelos ou tipos de famílias que cada vez mais constituem as sociedades atuais nomeadamente “as famílias reconstituídas (que têm uma composição diferente e resultante de novas uniões), as famílias monoparentais, as uniões de facto, os isolados” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 258).

Todos estes novos modelos de organização familiar levam a mudanças estruturais e socioculturais que a gerar tendências de rejeição de certos valores e a propor outros, em sua substituição, podendo “produzir efeitos generalizadores ou de massas” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 260). Tais mudanças conduzem a reestruturações dos universos cognitivos, afetando o comportamento e a filosofia de vida das pessoas.

No entanto, apesar de todas estas mudanças nas estruturas familiares, “o núcleo familiar mantém o seu papel cultural, não deixando de ser consensual quanto aos

valores, às funções fundamentais, e à solidariedade entre gerações” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 265). Sendo importante salientar as relações de parentesco que se estabelecem para além da família nuclear. Na verdade, a literatura refere a família não só como um núcleo (pais e criança), mas também numa perspetiva mais alargada, incluindo os tios, os avós e outros parentes que, estando próximos da criança, também cooperam na sua educação.

Todas estas mudanças familiares afetam as crianças e têm implicações na sua educação, pelo que se torna, cada vez mais, importante promover o envolvimento da família no processo educacional das crianças.

“O interesse dos pais no processo de educação determina a forma segundo o qual as crianças são envolvidas, ou seja, pais mais interessados melhor utilizam os seus recursos pessoais (apoiando os filhos no trabalho escolar), económicos (proporcionando aquisição de material) e sociais, estabelecendo relações de igualdade e cordialidade com os professores dos seus filhos”. (Magalhães, 2007, p. 51)

Apesar de todas as mudanças que se verificaram nas estruturas familiares, torna-se importante o seu envolvimento, juntamente com os educadores, das crianças e de toda a comunidade. Este envolvimento traz diversos benefícios para todos, as famílias sentem-se mais próximas e, desta forma, interessam-se mais pelo dia-a-dia da criança pelas suas necessidades e pelas suas conquistas. Proporcionam mais recursos para a escola ou jardim-de-infância, assim como uma maior abertura e disponibilidade da comunidade para colaborar e proporcionar um maior número de recursos.

As relações que se estabelecem numa família são únicas e diferentes de todas as outras “viver em conjunto, sob o mesmo teto, constitui um dos indicadores mais simples, e ao mesmo tempo, óbvios da existência de uma família, que se separa das outras relações sociais, incluindo as de parentesco” (Saraceno, 1992, p. 17) .

Todas estas características tornam cada família única e especial, cabendo a cada educador tirar o maior partido destas especificidades e levá-las para a sua sala de atividades e, conseqüentemente, para a sua instituição.

### **1.3 A família como primeiro espaço educativo**

Segundo Portugal “o mundo social da criança consiste em muitos mundos, incluindo o sistema familiar, as outras crianças e a creche, jardim-de-infância ou escola”. Todos estes mundos são importantes e decisivos na vida de cada criança. A família nuclear é o primeiro mundo com que a criança contacta e com qual vai realizar as primeiras aprendizagens, é aí que “ocorrem as experiências mais precoces da criança, sendo também aí que a criança, pelo menos durante os primeiros tempos de vida, realiza a maior parte das suas interações sociais.” (Portugal, 1998, p. 123) .

Desde as civilizações mais antigas que a família aparece como o primeiro espaço educativo, e a literatura diz-nos mesmo que os pais, irmãos e outros familiares, enquanto primeiros educadores, “criam e desenvolvem todo um ambiente familiar que pode ser mais ou menos favorável à aprendizagem, mas que influencia decisivamente a criança durante os seus estádios de desenvolvimento cognitivo.” (Villas-Boas, 2001, p. 34)

Na verdade, entender o ambiente familiar com o contexto onde se processa a aprendizagem das crianças é também considerar que todo esse processo resulta de complexas interações entre a criança e os adultos e que “é influenciado pelo passado destes, bem como pelas condições sócio-culturais e sócio-políticas existentes para além da própria família” (Villas-Boas, 2001, p. 43) .

Por isso podemos perceber que o processo de aprendizagem ocorre de maneiras diferentes entre crianças cuja influência familiar pode ser mais ou menos eficaz na atribuição de sentido positivo e significativo às aprendizagens posteriormente promovidas nos outros contextos educativos, nomeadamente na escola.

## **2. A Educação Pré-escolar**

### **2.1 A educação pré-escolar: um serviço educativo e social**

“ A ideal pedagogia escolar deve ainda hoje, na conceção geral de muitos pais e de alguns professores, ensinar a fazer contas, ler e escrever bem. Foi assim, em Portugal durante longos anos e as expectativas continuam ainda a centrar-se em torno dessa tríade, modelo ideal da boa educação”. (Vieira, 1992, p. 120)

A educação das crianças foi, durante muito tempo, assegurada pelas mães, normalmente inseridas numa família alargada. A escola infantil ou jardim-de-infância surgiu com a revolução industrial em consequência da entrada da mulher no mercado de trabalho, o que provocou alterações na estrutura e funcionamento da família.

Desde aí “a expansão da Educação Pré-escolar vem sendo reflexo das transformações socioculturais operadas na sociedade portuguesa, dando origem a uma progressiva consciencialização da realidade e ao reconhecimento da necessidade de desenvolver programas de apoio e de assistência à criança e às famílias” ( Ministério da Educação Departamento da Educação Básica; Isabel de Lemos Carvalho, 1996, p. 11). Desde sempre que a educação possui uma função de assistência às crianças e as suas famílias. O desenvolvimento da educação pré-escolar, interfere nas políticas sociais ligadas à família e a criação de redes de suporte como, por exemplo, a educação de adultos, o combate à exclusão social, a qualificação da população ativa e o desenvolvimento local o que conduz à coesão social e equidade da sociedade.

Maria Luísa Homem considera que

“ a educação pré-escolar é percecionada como uma extensão, para baixo, do ensino elementar, pondo o acento no seu carácter preparatório para a escola, enquanto que a educação de infância é vista como centrada no desenvolvimento da criança e uma resposta específica às suas capacidades e necessidades” (Homem, 2002, p. 23).

Atualmente a educação pré-escolar desempenha um papel fundamental no universo da educação e fundamentalmente na vida de cada criança e de cada família. “ A educação pré-escolar é o ponto de partida para um percurso de sucesso em educação. A sua frequência tem reflexos positivos na vida futura do cidadão”. (Ministério da

Educação - Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1995, p. 4).

Ao longo dos tempos é visível a evolução da educação pré-escolar, primeiramente com uma função assistencial e, atualmente, vista como um ponto de partida para um percurso em educação centrada no desenvolvimento integral da criança. Nesta perspetiva, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar define a educação pré-escolar como

“a primeira etapa da educação básica, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (Lei nº 5/97, de 10 de fevereiro).

No seguimento deste pressuposto, a educação pré-escolar procura:

- a) Proporcionar experiências democráticas de forma a proporcionar o desenvolvimento pessoal e social da criança numa perspetiva para a cidadania
- b) Incentivar a integração das crianças em diferentes grupos, para desta forma a criança adquirir consciência de si e do seu papel na sociedade em interação com os outros assim como o respeito por outras culturas.
- c) Proporcionar o acesso a escola e a igualdade de oportunidades.
- d) “Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas”
- e) Promover a utilização de múltiplas linguagens para desta forma desenvolver a expressão e comunicação das crianças, assim como promover a sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Promover a curiosidade e o pensamento crítico da criança;
- g) “Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e coletiva; Proporcionar à despistagem de inaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança”.
- h) Promover a participação das famílias em todo o processo educativo assim como promover a colaboração da comunidade envolvente. (Retirado da Lei nº 5/97, de 10 de fevereiro).

Com vista à concretização de tais pressupostos tornam-se condição necessária a evolução do papel a desempenhar pelos profissionais de educação de infância.

## **2.2 Perfil de desempenho do Educador de Infância**

Na educação pré-escolar o educador de infância desempenha um papel fundamental, uma vez que “ser educador é também ser pai, porque a educação é a vida do educando” (Diez, 1989, p. 102). Um educador está sempre dependente da sua formação pessoal e profissional. A formação pessoal enquanto pessoa individual que é, com todas as suas características e especificidades da sua personalidade e da sua cultura. A formação profissional permanente não se ficando pela sua formação inicial mas uma formação ao longo do seu processo de desempenho profissional tendo em conta o contexto onde está inserido. Esta formação revela-se de extrema importância uma vez que em constante atualização, vai proporcionar às crianças uma melhoria na sua educação. O educador possui uma função de estímulo e de ajuda para que a criança consiga transformar-se. Uma participação comprometida e integrada em todo o projeto educativo e em toda a ação com a comunidade envolvente assim como na avaliação. Neste sentido, é exigido ao educador que seja:

- Motivador e entusiasta para desta forma proporcionar às crianças experiência novas e entusiasmantes, proporcionando assim atividades criativas.
- Dialogante que saiba aceitar as opiniões das outras pessoas, proporcionando assim uma boa relação entre todos.
- Humilde que procure proporcionar situações de pesquisa e de descoberta.
- Integrador, que promove a cooperação e entreajuda.
- Globalizador, que forma mentes capazes de sintetizar e de sistematizar, e que aceita novos valores.
- Gerador de educação (Diez, 1989, p. 103).

A este propósito Teresa Vasconcelos (2009) salienta algumas tendências na formação de Educadores de Infância, no sentido de nas suas práticas:

- Promover o desenvolvimento integral da criança para que esta adquira competências de aprendizagem significativas para posterior entrada no 1º ciclo formal da educação básica.

- Verem encarado o seu trabalho “não apenas como uma ação sobre as crianças, mas como uma ação sobre e com as crianças, mas como uma ação sobre e com os adultos” (Vasconcelos, 2009, p. 27).

- Aprofundar-se a formação académica, científica e cultural mas, eventualmente mais tecnocrática e não tão humanista.

- Substituir-se a Pedagogia enquanto “ciência – chave do Movimento da Educação Nova (Vilarinho, 2000) e disciplina central da formação de professores, por unidades disciplinares mais circunscritas ao Currículo ou às Didáticas, num claro regresso à aquisição de técnicas e estratégias de ensino prevaletentes numa formação com caracter tendencialmente tecnicista.” (Vasconcelos, 2009, p. 27).

- Atribui-se à formação permanente um papel primordial ao longo de todo o percurso de desempenho profissional do educador, tendo em conta o contexto onde está inserido.

Com o Decreto-lei nº240/2001, foram apresentados os referenciais para as atividades dos docentes nomeadamente para os educadores de infância. Este diz-nos que os educadores devem promover aprendizagens curriculares, “o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”. Neste sentido é importante que o educador disponibilize e utilize materiais estimulantes e diversificados, e que organize o tempo da forma mais flexível possível (Decreto-lei nº240/2001 de 30 de Agosto, Anexo 1).

Além disso, cabe aos educadores promover uma boa relação e ação educativa com todos os intervenientes, nomeadamente com as crianças, as famílias e a comunidade em geral, no sentido de as crianças se tornarem autónomas e com presença na sua comunidade e na sociedade. Assim se poderá garantir o bem-estar e desenvolvimento cultural e individual de cada criança. (Rocha & Setim, 2013/2014)

O Decreto-lei nº 240/2001 estabelece ainda que “numa dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade, o educador de infância ou o professor exerce a sua atividade em conformidade com a comunidade em que está inserido, visa a

formação integral dos alunos para a cidadania democrática, engloba no projeto curricular saberes e práticas da comunidade, desenvolve as relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente e coopera com as outras instituições da comunidade, participando nos seus projetos (Rocha & Setim, 2013/2014)

### **3. Relação Família-Escola**

#### **3.1A relação família/jardim-de-infância: contributos para a compreensão**

Durante muito tempo, a educação dos filhos era um dever exclusivo da família. Hoje em dia e, devido às novas características e necessidades da sociedade atual, este facto alterou-se, cabendo à escola também essa função.

O ponto de encontro da relação família-escola, é o educando, por isso é nele que devem residir todas as expectativas e preocupações. Para que essa relação seja perfeita é necessário que haja coordenação das ações específicas da família e da escola, já que sem essa ação coordenada, a maturação do educando não se verifica de forma equilibrada. “A relação vital entre os pais e a entidade escolar é, pois, antes de mais, uma ação educativa que incide sobre cada uma das faculdades humanas de um educando, que se realiza a partir da própria identidade” (Diez, 1989, p. 89).

Como referido anteriormente a família é o primeiro agente educativo das crianças. Com a entrada das crianças na creche e/ou no jardim-de-infância esta tarefa passa a ser partilhada com os educadores de infância e, posteriormente, com a entrada na escola é partilhada com os professores. “Família e Escola constituem, hoje, subsistemas fundamentais do sistema social, cuja articulação interativa se torna indispensável regular, por forma a promover com sucesso a formação integral dos jovens e a construção gradual de uma sociedade robusta e amadurecida” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 267).

Família e escola, hoje em dia, partilham a educação dos jovens e mais do que nunca esta cooperação torna-se imprescindível “na formação do “homem completo”, a que se refere o célebre relatório Faure (1972), publicado pela UNESCO” (Rodrigues-Lopes, 1997, p. 267).

Esta partilha permite não só conhecer e compreender a criança, como também a sua família e o ambiente em que esta está inserida, promovendo, assim, a troca de informação e a articulação entre as “duas famílias” (família e escola).

A relação família/escola é uma “relação entre culturas, constituída por uma multiplicidade de atores sociais e por onde perpassa uma clivagem sociológica” (Sarmiento, Ferreira, Silva, & Madeira, 2009, p. 20). Segundo estes autores, estas

relações variam podendo ser relações de continuidade, de descontinuidade ou mesmo, no limite, de choque cultural, de aculturação, de violência simbólica. (Sarmiento, Ferreira, Silva, & Madeira, 2009). Estas relações variam tendo em conta a cultura das crianças. Desta forma, torna-se necessário que a escola não olhe para todas as crianças como iguais, mas que olhe para cada criança de forma individual. Para isso, é necessário aceitar todas as diferenças culturais e promover junto das crianças o contacto com novas culturas, atenuando, desta forma, as desigualdades e os choques culturais.

“O envolvimento parental, largamente entendido como participação dos pais, ou de outros familiares com funções parentais, na educação escolar das crianças, pressupõe a identificação do ambiente familiar como fator de sucesso ou de insucesso escolar, na medida em que parece ser revelador da importância que a família pode revestir como facilitadora da aprendizagem. O ambiente de aprendizagem é, assim, entendido tanto no contexto da família como no da escola ou da comunidade como um conjunto de recursos humanos, materiais e temporais suscetíveis de promover a aprendizagem.” (Villas-Boas, 2001, p. 26)

Nesta linha de pensamento Lima (2002) diz-nos que a relação família/escola é uma relação complexa que possui diversas potencialidades e desafios. Trata-se de uma relação composta por duas vertentes “a escola e o lar – e duas dimensões de atuação – a individual e a coletiva” (Lima, 2002, p. 97). Na vertente escola, o autor inclui todas as atividades realizadas quer de forma individual quer de forma coletiva. Sejam elas da iniciativa das crianças sejam da iniciativa do educador ou até das famílias como, por exemplo, nas reuniões, na elaboração e participação de atividades, na participação no processo educativo. Estas iniciativas, hoje em dia, são a face mais visível da relação família/escola. Por sua vez a vertente lar inclui todas as atividades realizadas em casa e que estão diretamente relacionadas com a escola e que necessitam da intervenção da família.

Lima (2002) diz ainda que a “Cooperação e conflito estão sempre omnipresentes em qualquer relação. Mais recentemente tem-se vindo a adotar o termo parceria (Lima, 2002, p. 100/101).

A este propósito, Homem (2002, citando Delgado & Barrio, 1993) refere que

“A ligação constrói-se, desconstrói-se em espaços de diálogo, convergente e/ou divergente, partilhando preocupações educativas, individuais sim, mas também universais. Assim, a educação é pensada, não só como fenómeno particular, mas também como elemento de índole social,

desafiando a construção de uma perspetiva interativa- mas diferenciada- quer da ligação escola-família, quer da prossecução dos objetivos educacionais” (Homem, 2002, p. 37).

Neste aspeto o jardim-de-infância é um espaço privilegiado quanto a esta temática, não só devido

“à não obrigatoriedade da sua frequência – podendo esta corresponder a uma estratégia educativa da parte dos pais e, como tal, ser impulsionadora e motor dessa ligação -, como também à idade das crianças que o frequentam e, ainda às suas características estruturais e de funcionamento pedagógico, nomeadamente a monodocência, a ausência de programas curriculares rígidos de cumprimento obrigatório e a ênfase dada aos aspetos relacionais e afetivos...os sistemas pré-escolares podem responder com [mais] maleabilidade às necessidades locais e ao desejo de participação dos pais” (Homem, 2002, p. 41/42).

O mesmo autor refere ainda que, em muitos casos, o afastamento entre o jardim-de-infância e a família, resulta do facto da instituição se fechar em si própria, evitando questionamentos e interferências externas. Na verdade Natércio (1993, citado por Homem 2002, p.42) refere que por vezes “as famílias são entendidas como simples utentes a quem não é reconhecido o direito de exercer influência, a priori, no seu funcionamento”.

No entanto, se atendermos o caso das IPSS, a ligação que mantêm com as famílias possui algumas particularidades facilitadoras desse envolvimento. Essas particularidades devem-se sobretudo ao facto de serem estabelecimentos educativos mais autónomos face ao poder político o que possibilita a descentralização mas também se trata de “ um movimento que se faz no sentido de aumentar os laços entre a escola e a comunidade que ela serve”, sendo que “a autonomia da escola tem como contrapartida a participação de todos os implicados no processo educativo” (Homem, 2002, p. 42).

O horário alargado destas instituições leva, muitas vezes, à existência de turnos o que pode dificultar a relação entre as crianças e os educadores e, por outro lado, leva à admissão de pessoal auxiliar que, muitas vezes, pertencem à comunidade envolvente, facilitando um maior conhecimento da cultura local. Este facto permite uma maior aproximação às normas e valores da cultura local, a uma maior proximidade das famílias que desta forma, sentem uma maior abertura das pessoas que lá trabalham, em promoverem mais facilmente, a relação família-jardim-de-infância. Outro fator a ter em

conta é o facto de, na mesma instituição, se poderem encontrar vários irmãos ou outros familiares a frequentarem o mesmo espaço, o que pode facilitar mais eficazmente uma efetiva relação família/jardim-de-infância (Homem, 2002).

### **3.2 A Participação das famílias no jardim-de-infância: Como, Porquê e Para quê?**

A participação das famílias pressupõe a colaboração como o jardim-de-infância. Segundo Marques (2001, p.30)

“Colaborar significa comunicar com o objetivo de ajudar a resolver problemas ou intensificar e melhorar uma relação. Significa, também, dar as mãos para fazer alguma coisa em conjunto. Esse dar as mãos pressupõe uma comunicação prévia que conduza ao conhecimento mútuo do mesmo bem – o bem comum – e ao reconhecimento da sua importância”

Segundo esta definição, torna-se evidente que a colaboração da família com a instituição não deve ser só ir a reuniões ou deslocar-se à escola quando solicitado, mas implica outras formas de participação. A participação da família nos órgãos da escola não se prende com a aprendizagem, mas sim, por exemplo, com questões de segurança, de melhoria nos transportes, entre outras coisas. O envolvimento no apoio educativo e a participação em grupos de consulta trazem benefícios para a aprendizagem das crianças.

A este propósito Macbeth (1984, citado por Homem 2002. p.49), explica que

“a colaboração entre a escola e a família - entendida como uma ação concertada e planificada em conjunto, numa perspetiva de apoio mútuo – pressupõe a existência de uma estreita cooperação, atualizando-se esta através do desenvolvimento de estratégias de interação, fundamentalmente propostas pela escola”

Marques (2001), por sua vez, salienta ainda que, apesar de cada vez mais se falar nos benefícios da cooperação, são ainda muitos os pais que se encontram afastados da

escola e enumera algumas das razões para esse afastamento: “falta de tempo, baixas expectativas educacionais, afastamento cultural e pobreza” (Marques, 2001, p. 16).

Cabe aos educadores mudar de atitude e promover junto das famílias os benefícios da sua participação na educação das crianças. No entanto e apesar de estas práticas se estarem a impor cada vez mais, ainda se verifica alguma resistência sendo, nestes casos, as práticas de comunicação a face mais visível da relação família-escola. “O sucesso escolar ocorre quando se verifica uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem entre o professor, o aluno e a sua família” (Villas-Boas, 2001, p. 82).

O artigo 4º da Lei-quadro da Educação pré-escolar foca a participação dos pais e encarregados de educação, nomeadamente a:

- a) “Participar, através de representantes eleitos para o efeito ou de associações representativas, na direção dos estabelecimentos de educação pré-escolar;
- b) Desenvolver uma relação de cooperação com os agentes educativos numa perspetiva formativa;
- c) Dar parecer sobre o horário de funcionamento do estabelecimento de educação pré-escolar;
- d) Participar, em regime de voluntariado, sob a orientação da direção pedagógica da instituição, em atividades educativas de animação e de atendimento” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro).

Galego (1993, citado por Homem, 2002, p.52) tenta demonstrar que “a escola não é restrita nem fechada em si mesma, mas inclui todas as pessoas e grupos que dentro e fora dela estão de alguma maneira ligada [...] à ação educativa”. Cada vez mais a escola e, neste caso, o jardim-de-infância, deve estar aberto à participação das famílias e da comunidade envolvente, criando um ambiente harmonioso e respeitador de todas as culturas, em que todos contribuem para o desenvolvimento das crianças e de uma sociedade melhor.

### **3.3 Envolvimento parental no jardim-de-infância: Que estratégias para a sua promoção?**

Nas palavras de Villas-Boas (2001, p. 26) o envolvimento parental é

“entendido como a participação dos pais, ou de outros familiares com funções parentais, na educação escolar das crianças, pressupõe a identificação do ambiente familiar como fator de sucesso ou de insucesso escolar, na medida em que parece ser revelador da importância que a família pode revestir como facilitadora da aprendizagem” .

Neste sentido podemos considerar que o ambiente de aprendizagem em que a criança está inserida depende de um conjunto de recursos não só materiais, mas também humanos e temporais que poderão ou não promover a aprendizagem.

Assim Marques (2001), à semelhança de outros autores, considera o envolvimento parental como um fator importante para uma aprendizagem de qualidade. Por isso ressalta o facto de existirem assuntos aos quais apenas os educadores devem ter acesso, como é o caso dos modelos pedagógicos, das metodologias de ensino e de avaliação. Por outro lado, considera que esta parceria entre a família e a escola significa que ambas as “famílias” trabalham em conjunto para atingir um resultado, o que significa que o poder e a responsabilidade são partilhados por todos, apesar de desempenharem diferentes papéis. Nesta parceria são contempladas todas as ideias, e as “famílias” devem concordar nos passos a dar, sempre com a noção do objetivo a alcançar.

A comunicação entre os educadores e as famílias é um grande aliado para uma boa relação entre a família e a escola. Esta é das mais antigas formas de colaboração, visível nas reuniões, no apoio social e psicológico que a escola oferece às crianças e à sua família. “Nos jardim-de-infância e nas escolas do ensino básico, começa a ser vulgar a participação dos pais em atividades escolares, do tipo festas, comemorações e visitas de estudo.” (Marques, 2001, p. 19)

O envolvimento não traz só benefícios ao nível do aproveitamento escolar, mas também

“Aumenta a motivação, ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos educadores, melhora a imagem social da escola, reforça o prestígio profissional dos educadores, ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentiva os pais a serem melhores pais. Da mesma forma que estimula os educadores a serem melhores educadores” (Marques, 2001, p. 20).

Os pais que colaboram sentem-se mais motivados e procuram acompanhar os processos de atualização e reconversão profissional. Por outro lado, para os educadores, o envolvimento dos pais traz benefícios, uma vez que sentem que o seu trabalho é reconhecido por estes os quais colaboram para promover a aquisição de novas aprendizagens e experiências. A escola também beneficia com esta cooperação uma vez que passa a dispor de mais recursos oriundos da comunidade, contando também como o contributo da família nas atividades do dia-a-dia, e nas atividades de complemento curricular.

“As comunidades locais também ganham porque o envolvimento parental faz parte do movimento cívico mais geral de participação na vida das comunidades, sendo, por vezes, uma oportunidade para os pais intervirem nos destinos das suas comunidades e desenvolverem competências de cidadania” (Marques, 2001, p. 22).

O facto de não existir uma fórmula única para envolver a família e a escola cabe a ambas (família e escola) adaptarem-se às suas características e necessidades para, desta forma, promover-se uma aprendizagem significativa para cada criança e, posteriormente, para a comunidade educativa da qual estas fazem parte. Por outro lado, quando existe um afastamento da família, as crianças “são obrigadas a crescer com a ausência de referências culturais seguras” (Marques, 2001, p. 20/21).

Assim, de forma a criar bons programas de envolvimento é necessário:

“flexibilizarmos os rituais e as normas administrativas das escolas, apostando mais nos contactos informais do que na comunicação escrita. Tradicionalmente, as escolas agarram-se a um conjunto de formalismos que não funcionam com as famílias não-tradicionais: reuniões com os pais, realizadas, na escola, entre as 9 horas e as 18 horas, envio de postais e cartas para casa e atendimento individual numa hora por semana, previamente fixada, regra geral, durante a tarde” (Marques, 2001, p. 28)

Além disso, cabe aos educadores utilizarem uma linguagem acessível a todas as famílias, e a marcarem reuniões em horários em que as famílias possam comparecer. A este propósito Villas-Boas (2001) sugere mesmo que as reuniões sejam marcadas para depois das 18h, e que as escolas tenham em atenção os espaços onde recebem os pais para que estes se sintam bem e recebidos com a máxima privacidade. Com as famílias mais difíceis, aquelas que se encontram afastadas da escola, é necessário recorrer a formas alternativas de comunicação como, por exemplo, telefonar, fazer visitas domiciliárias com recurso a equipas formadas por psicólogos e assistentes sociais.

“O envolvimento das famílias na educação das crianças, corresponde um melhor desempenho escolar, tanto em termos de atitudes como de aproveitamento” (Villas-Boas, 2001, p. 82).

Posto tudo o que referimos nesta primeira parte, relativa à teorização sobre os conceitos em que se fundamenta a temática de pesquisa por nós considerada, passamos de seguida a apresentar o estudo que desenvolvemos no âmbito da Prática Educativa em Jardim-de-Infância.



## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**



## Contextualização do estudo

“Não há Educação para a qualidade que não passe pela investigação” (Tuckman, 2000, p. XXI).

Este estudo surge primeiramente como uma forma de compreender uma realidade que cada vez mais está presente no dia-a-dia de cada escola ou jardim-de-infância. Para isso foi necessário colocarmo-nos simultaneamente

“como elementos externos que nunca perdem o seu estatuto de observadores e investigadores, enquanto simultaneamente nos implicamos como participantes ativos, conseguimos uma posição que nos reserva, à partida, condições de algum distanciamento, o qual é necessário para que se consiga desenvolver alguma reflexividade e autocrítica e assim garantir a credibilidade do estudo” (Organização Albano Estrela, Júlia Ferreira, 1997, p. 313).

Neste sentido tornou-se importante perceber qual a relação existente entre a família e a escola tendo em conta o contexto de jardim-de-infância.

Cada vez mais se ouve falar dos benefícios que uma boa relação família escola traz para todos os intervenientes – família, crianças, educadores, jardim-de-infância e comunidade. Contudo nem sempre é isso que acontece. Muitos são os casos em que a família e a escola se encontram afastadas, não existindo qualquer relação além disso, podemos considerar que se uma boa relação traz benefícios, por sua vez uma má relação, normalmente também traz consequências menos positivas.

É nesta panorâmica e considerando o contexto real que vivenciámos que nos surgiu a preocupação em perceber como é a relação entre o jardim-de-infância e a família e como esta é vista, tanto pelas famílias como pelas crianças. Pretendemos ainda perceber de que forma é promovida essa relação, ou seja, quais as estratégias utilizadas para fomentar essa relação.

## **Questão-problema**

As questões subjacentes a este trabalho prendem-se com a convicção de que cada vez mais se deve promover uma boa relação entre a família e o jardim-de-infância. Tendo em conta este tema surgiram as seguintes questões:

- Qual é a importância que é dada à relação família / jardim-de-infância?
- Que relação existe entre a família e o jardim-de-infância?
- De que forma é promovida a relação família/jardim-de-infância?
- Como as crianças percecionam a relação família/jardim-de-infância?
- De que modo a participação e o envolvimento das famílias varia em função da classe social?

## **Metodologia**

Perante a problemática que nos propusemos estudar, com vista a responder à questão relativa à relação entre a família e o jardim-de-infância, numa primeira fase, optamos por elaborar um questionário a ser aplicado às famílias (anexo 1), posteriormente desenvolvemos uma atividade com as crianças para além de também as entrevistarmos (anexo 3, 4, 5 e 6). A atividade desenvolvida desenrolou-se em cinco momentos distintos: numa primeira fase com a leitura de uma história sobre as famílias, que desencadeou uma conversa com todo o grupo e posteriormente a elaboração e análise de desenhos sobre o tema família e jardim-de-infância. Com esta recolha de dados foi nossa intenção obter respostas às questões por nós formuladas.

### **Amostra**

Perante a impossibilidade de inquirir toda a população optou-se por selecionar um subconjunto da mesma ou seja a população do estudo. A “amostra é um subconjunto da população, que se observa com o objetivo de tirar conclusões para a população de onde foi retirada” (Martins, Loura, & Mendes, 2007, p. 11)

O estudo foi efetuado no âmbito da prática supervisionada em jardim-de-infância. Os participantes neste estudo foram as crianças da sala azul do Jardim de Infância de um Agrupamento de Escolas de Coimbra e as suas famílias. A sala azul é uma sala heterogénea, composta por 24 crianças com idades entre os 3 e os 6 anos, sendo 14 do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

Neste estudo, apesar de o questionário ter sido entregue a todas as famílias (no total de 24), apenas 14 responderam, isto é 58% dos elementos da nossa amostra responderam ao questionário.

## **Instrumentos de recolha e análise de dados**

Para proceder à recolha de dados é necessário elaborar uma estratégia de recolha ou seja “uma estratégia é um conjunto coordenado de métodos, de procedimentos e de técnicas consideradas pertinentes em relação ao objetivo perseguido” (Ketele & Roegiers, 1993, p. 153), o que implica o recurso a diferentes métodos e técnicas.

Existem, hoje em dia, muitos métodos de recolha de dados, para Quivy e Campenhoudt o termo “método” é entendido como um “dispositivo específico de recolha ou análise das informações, destinadas a testar hipóteses de investigação” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 187).

Para a recolha de dados optámos pela aplicação de um inquérito por questionário. uma vez que um questionário

“consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opção ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 188).

A investigação através do inquérito por questionário possui algumas vantagens tais como a possibilidade de quantificar uma pluralidade de dados e a representatividade do conjunto dos entrevistados.

Numa investigação por questionário, o tratamento de dados depende das variáveis consideradas, as quais podem ser “categóricas ou de natureza qualitativa, quando os seus elementos são categorias ou atributos, ou podem ser de natureza quantitativa, métrica ou de intervalo, quando os seus elementos são valores ou intensidades” (Pestana & Gageiro, 2009, p. 1). O presente questionário é de natureza qualitativa ou categórica uma vez que pretende estudar a relação existente entre o jardim-de-infância e a família. Segundo Marôco (2011, p7) as variáveis qualitativas são “variáveis cuja escala de medida apenas indica a sua presença em categorias de

classificação discreta exaustivas e mutuamente exclusivas”, estas variáveis podem ser medidas numa escala nominal ou ordinal.

O questionário é constituído por um conjunto de questões, sendo, na sua maioria, questões fechadas e contendo algumas perguntas de resposta aberta.

Para tentar perceber o que as crianças pensam acerca da sua família, foi realizada uma atividade com o grupo de crianças. Após a leitura de uma história “ O livro da família” de Todd Parr (2003) foi pedido às crianças que desenhassem a sua família e a instituição que frequentam.

Pereira (2017) cita Piaget (1973) para dizer que o desenho é “uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa e se constrói. Desenvolve-se concomitantemente às outras manifestações, entre as quais o brinquedo e a linguagem verbal”.

Segundo Pereira (s/d), o desenho acompanha o desenvolvimento da criança e caracteriza-se pela sua forma de sentir o mundo. A este propósito, citando Piaget (1973) Pereira (s/d.) explica que o desenho

“surge no período simbólico, evolui em conjunto com o desenvolvimento da cognição. Compartilha mais intimamente, por um lado, as fases da evolução da percepção e da imagem mental, subordinando-se às leis da conceituação e da percepção. Por outro lado, compartilha a plasticidade do brincar, constituindo-se em meio de expressão particular, isto é, “...um sistema de significantes construído por ela e dóceis às suas vontades” (Pereira, (s.d)).

Desde tenra idade que a criança experimenta mais do que se exprime. Através do desenho a criança poderá exprimir-se livremente. “O desenho representa, em parte, o consciente, mas também, e mais importante ainda, o inconsciente” (Bédard, 2000, p. 8). Quando desenha, a criança transpõe para a folha o seu estado de alma.

Neste sentido, é importante perceber a diferença entre a análise e a interpretação dos desenhos. Por análise “entende-se uma aproximação técnica e racional, que opta por bases solidamente verificadas” (Bédard, 2000, p. 7) ou seja, uma aproximação ao domínio da psicologia e da psiquiatria, quanto à interpretação dos desenhos das crianças, ela é o resultado da análise. “Os pontos de referência que dizem respeito à

análise e interpretação de desenhos vão de encontro com os da grafologia, tais como as indicações dadas sobre a orientação no espaço, a dimensão, a pressão ...” (Bédard, 2000, p. 7).

A este propósito, Farokhi e Hashemi (2011, citado por Santos, 2017, p. 75), “nas crianças, o desenho é uma forma de ultrapassar determinadas barreiras, é um instrumento de comunicação e de expressão individual. Quando a criança desenha, ela escolhe o material com cuidado e reflete os seus desejos, dando-nos assim informação muito precisa sobre o indivíduo”.

Por sua vez Santos (2017, p.75) diz-nos ainda que

“a criança desenha o que lhe interessa, o que tem mais importância para si, representando o que sabe e o que sente do objeto. O desenho é uma forma de pensamento, em que o mundo interior se confronta e mistura com o mundo exterior, em que a transformação para o papel pode significar o desejo, o desejado e o real”.

Ao grupo de crianças alvo do nosso estudo foram feitas entrevistas semidirectas, ou semidirigidas para perceber o que elas pensavam da relação das suas famílias com o jardim-de-infância que frequentavam.

O método de entrevista identifica-se pela aplicação de processos fundamentais de comunicação e de interação humana, e permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão. “Os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca diretividade por parte daquele” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192). Instaura-se uma verdadeira troca,

“durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192).

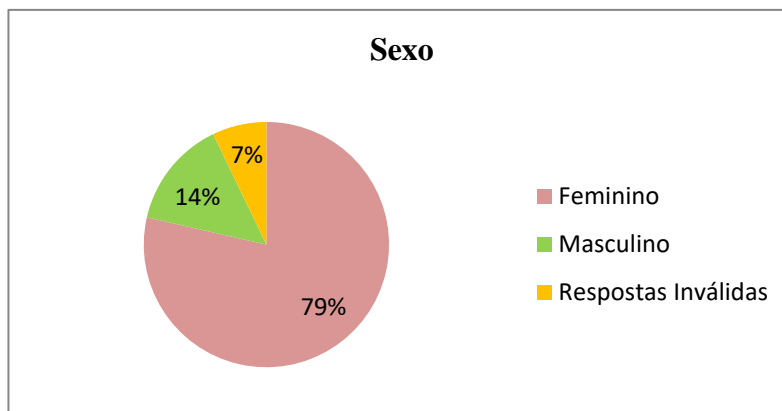
Uma entrevista é semidiretiva “no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” o investigador “dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192). As perguntas poderão ser colocadas de forma aleatória tanto quanto possível, cabe ao investigador reencaminhar a entrevista para os objetivos propostos.

Para uma melhor análise dos dados recolhidos optou-se por organizá-los em tabelas ou de gráficos com o objetivo de “fornecer uma informação visual rápida de padrões e tendências” (Martins, Loura, & Mendes, 2007, p. 23).

## Apresentação dos Resultados

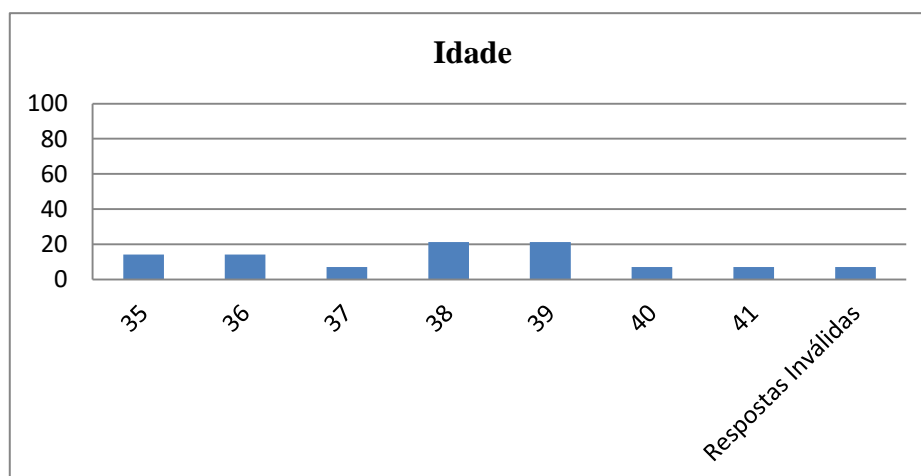
O questionário aplicado às famílias das crianças encontra-se dividido em duas partes distintas: a primeira reporta-se à identificação dos inquiridos e a segunda remete para a relação entre o jardim-de-infância e a família.

Gráfico 1 Distribuição de frequências por sexo



Relativamente à caracterização dos inquiridos e de acordo como o gráfico 1 verifica-se que a amostra era constituída, maioritariamente, por elementos do sexo feminino, o que corresponde a 79% dos inquiridos. Apenas 14% dos indivíduos da amostra são do sexo masculino, sendo que 7% das respostas foram consideradas inválidas uma vez que os inquiridos não responderam á questão. Neste caso, a maior concentração de dados prende-se com os elementos do sexo feminino.

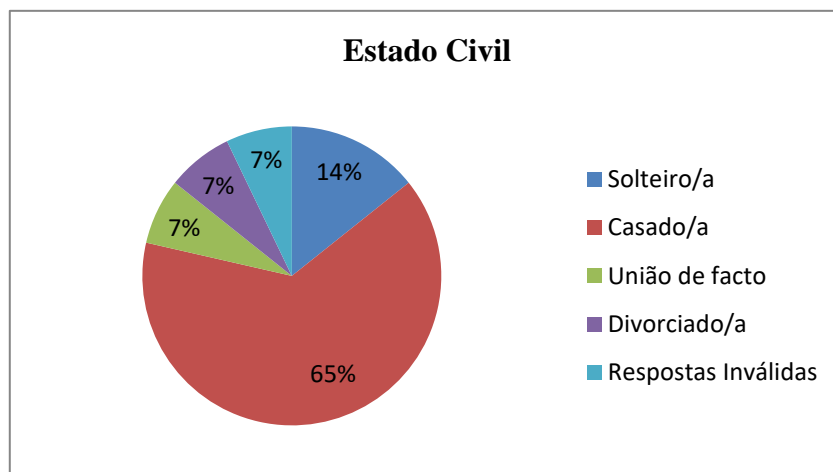
Gráfico 2 Distribuição de frequências por idade



Quanto ao nível etário dos inquiridos este situava-se entre os 35 anos e os 41 anos, sendo a maior concentração entre os 38 e 39 anos, ambos representando 42% da

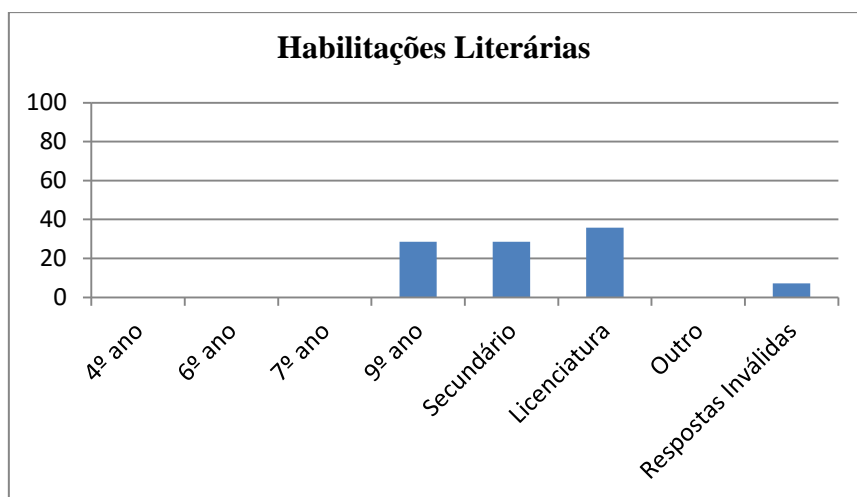
amostra (21% cada), logo seguidos dos sujeitos com 35 e 36 anos (14% cada). De salientar que 7% das respostas foram consideradas como respostas inválidas, uma vez que os inquiridos não responderam a esta questão.

**Gráfico 3 Distribuição de frequências relativamente ao estado civil**



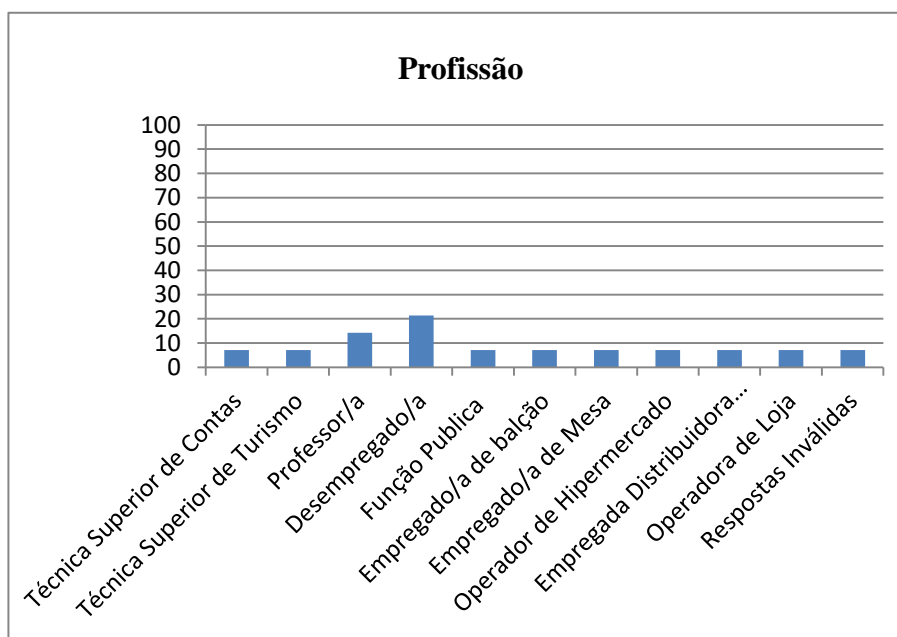
Relativamente ao estado civil dos inquiridos a maior concentração de dados diz respeito aos inquiridos casados/as (65%), por sua vez 14% dos inquiridos afirmam ser solteiros/as. Com apenas 7% de dados aparecem as opções *união de facto* e *divorciado/a*.

**Gráfico 4 Distribuição de frequências relativamente às habilitações literárias**



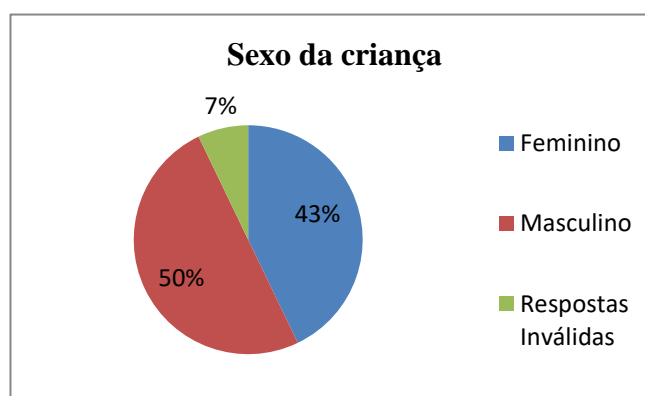
Quanto às habilitações literárias, 36% dos sujeitos da amostra possuem a licenciatura, enquanto 28% possuem o 9.º ano e tendo-se também obtido 28% para o ensino secundário.

**Gráfico 5 Distribuição de frequências relativa à profissão**



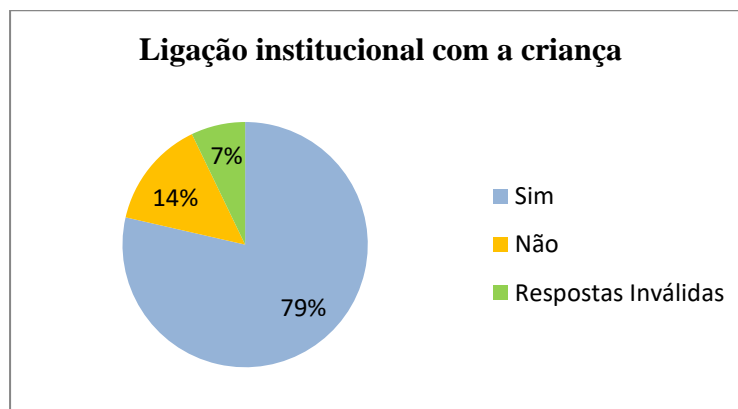
Quando à situação profissional da presente amostra, a maior concentração de dados diz respeito a inquiridos desempregados (21%), 14% dos inquiridos são professores e os restantes 64% dizem respeito a diferentes profissões: Técnica superior de contas (7,14%); técnica Superior de Turismo (7,14%); Função pública (7,14%); empregado/a de balcão (7,14%); empregada de mesa (7,14%); operador de hipermercado (7,14%); empregada distribuidora de alimentação (7,14%); operadora de loja (7,14%) e as respostas inválidas. (7,14%).

**Gráfico 6 Distribuição de frequências relativamente ao sexo da criança que frequenta o Jardim-de-infância**



Dos sujeitos que responderam ao questionário, 50% afirmam que possuem no jardim-de-infância uma criança do sexo masculino e 43% afirmam que possuem no jardim-de-infância uma criança do sexo feminino.

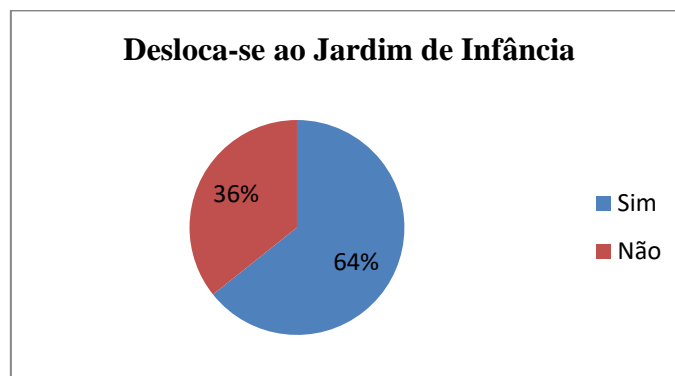
Gráfico 7 Distribuição de frequências relativas à ligação institucional com a criança



Pode dizer-se que a maioria dos inquiridos são encarregados de educação da criança que frequenta o jardim-de-infância. Apenas 14% dos inquiridos afirma não ser encarregado de educação da criança.

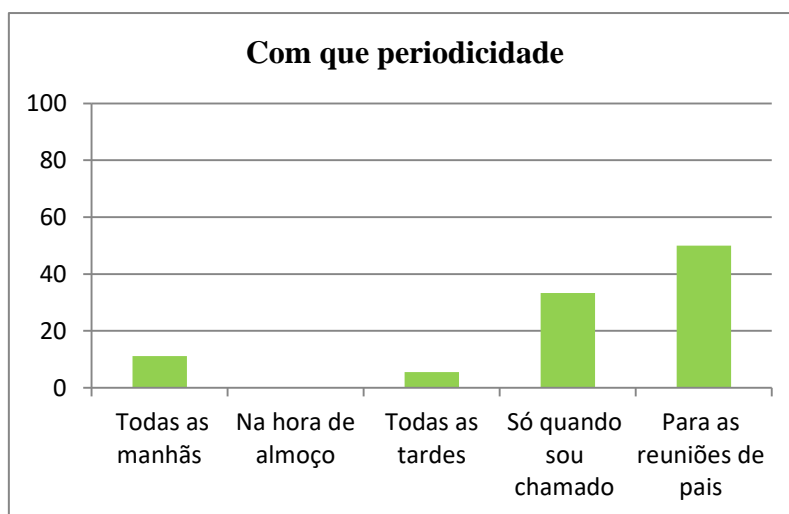
### Relação Jardim-de-Infância/Família

Gráfico 8 Distribuição de frequências relativamente à deslocação ao jardim-de-infância



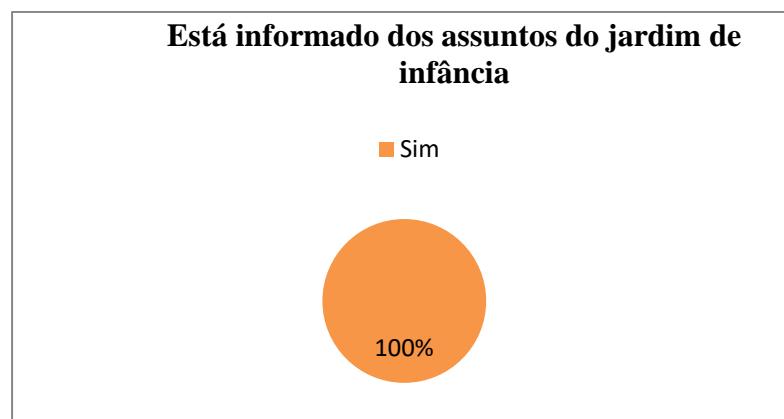
Quando questionados relativamente às deslocações ao jardim-de-infância para além dos momentos de entrada e saída do(s) seu(s) filho(s) do Jardim-de-infância, os respondentes afirmam (64%) que se deslocam com frequência ao jardim-de-infância fora dos horários de entrada e saída das crianças. Por outro lado, 36% dos inquiridos afirmam que não se deslocam ao jardim-de-infância a não ser nas horas de entrada e saída das crianças.

**Gráfico 9 Distribuição de frequências relativamente à periodicidade com que se deslocam ao jardim-de-infância**



Tendo em conta de 64% dos inquiridos responderam afirmativamente é importante entender com que periodicidades é que se deslocam ao jardim-de-infância. Neste caso, a maioria escolheu a opção para as reuniões de pais (50%), apenas 33% dos inquiridos revelaram ir ao jardim-de-infância apenas quando são chamados, 11% afirma que apenas se deslocam ao jardim-de-infância todas as manhãs, 6% vão apenas todas as tardes.

**Gráfico 10 Distribuição de frequências relativamente ao facto de estar informado/a sobre os assuntos do jardim-de-infância**



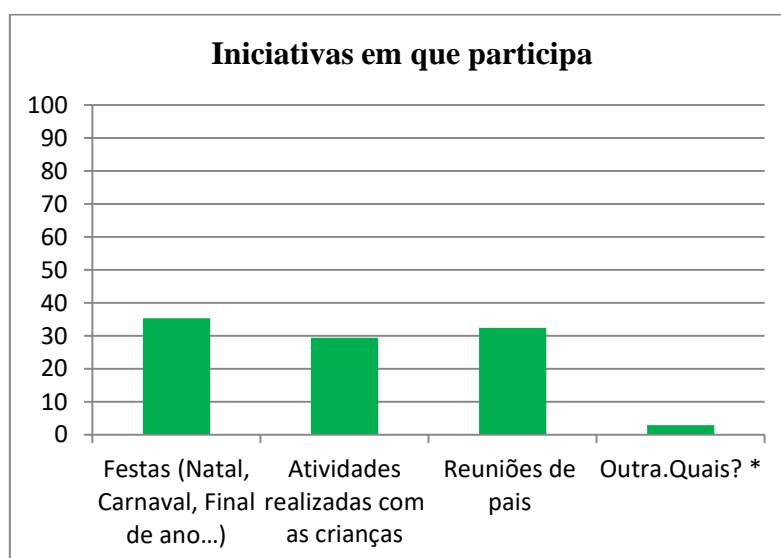
Quando se coloca, a questão “Está informado/a sobre os assuntos do jardim-de-infância?” os inquiridos na sua totalidade consideram estar informados.

**Gráfico 11 Distribuição de frequências relativamente à participação nas iniciativas promovidas pelo jardim-de-infância**



Relativamente à participação nas iniciativas promovidas pelo jardim-de-infância à semelhança da questão anterior, os inquiridos na sua totalidade afirmam participar nas mesmas.

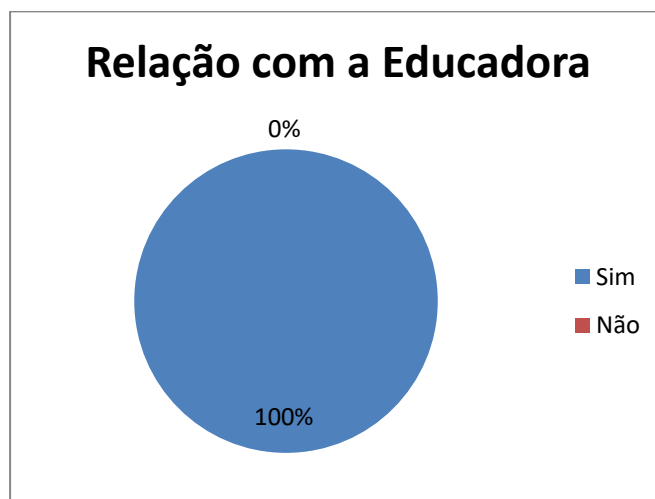
**Gráfico 12 Distribuição de frequências relativamente às iniciativas em que participam**



De entre as diversas opções apresentadas a maior concentração de dados prendeu-se com a participação nas festas (Natal, Carnaval, Final de ano...), esta opção representa 35% da amostra inquirida.

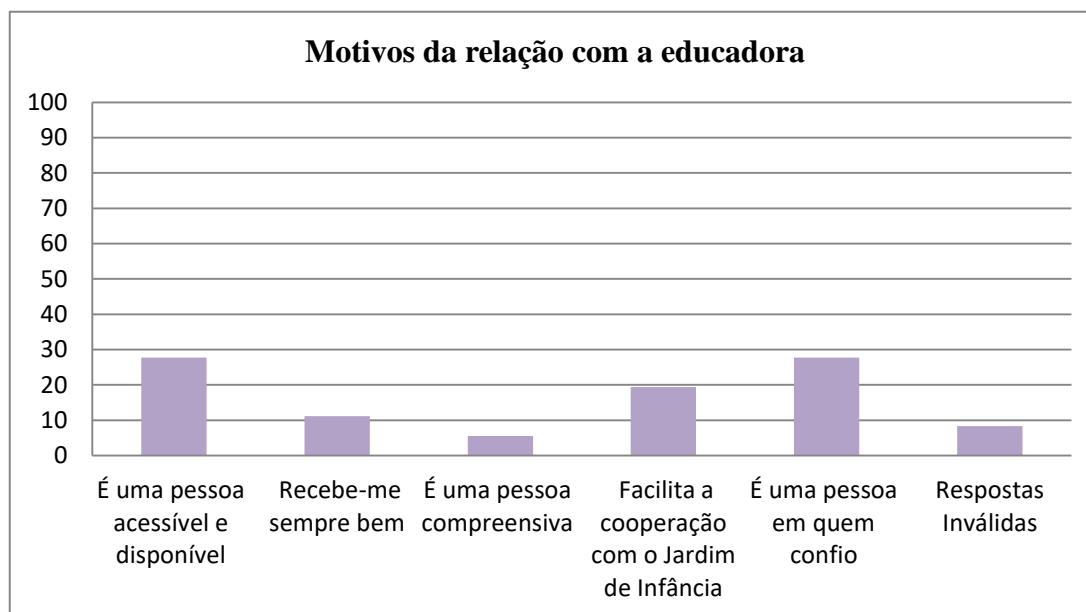
Com uma menor percentagem, mas não menos representativa, 32% dos inquiridos afirma apenas participar nas reuniões de pais. A participação nas atividades realizadas com as crianças aparece logo em seguida representando 29% das iniciativas em que a família afirma que participa. Apenas 3% da amostra afirma participar noutras iniciativas, tais como feiras ou atividades em que o jardim participe.

**Gráfico 13 Distribuição de frequências relativamente à relação estabelecida com a educadora**

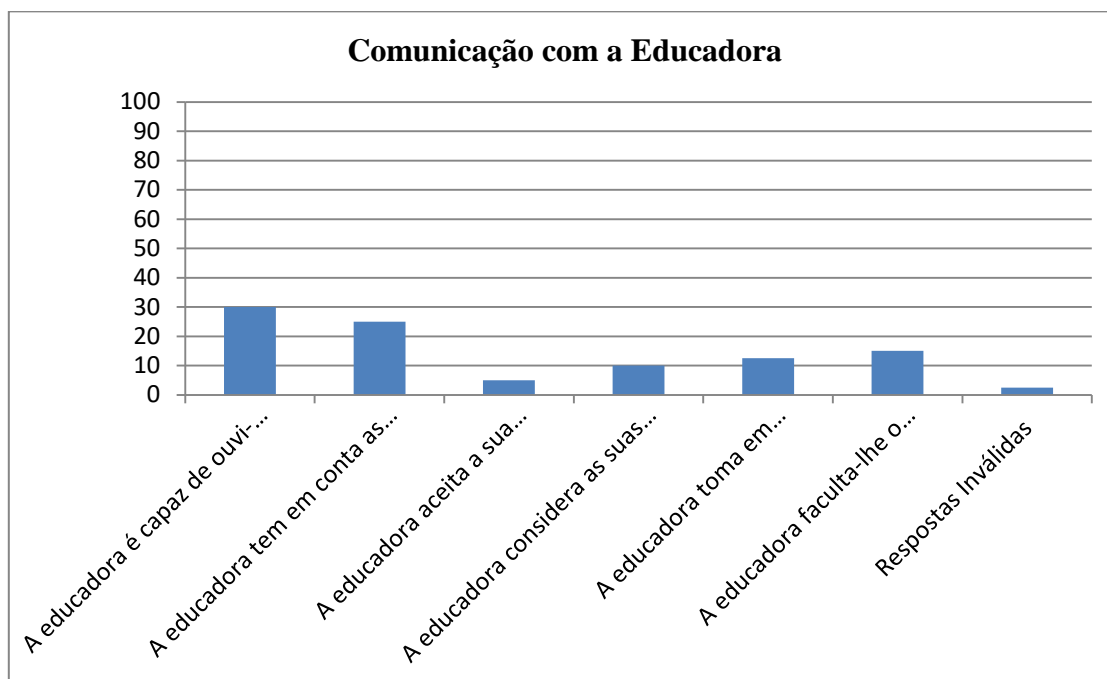


Relativamente à questão “Considera que tem uma boa relação com a educadora de infância do(s) seu(s) filho(s)?” os inquiridos na sua totalidade consideram ter uma boa relação com a educadora.

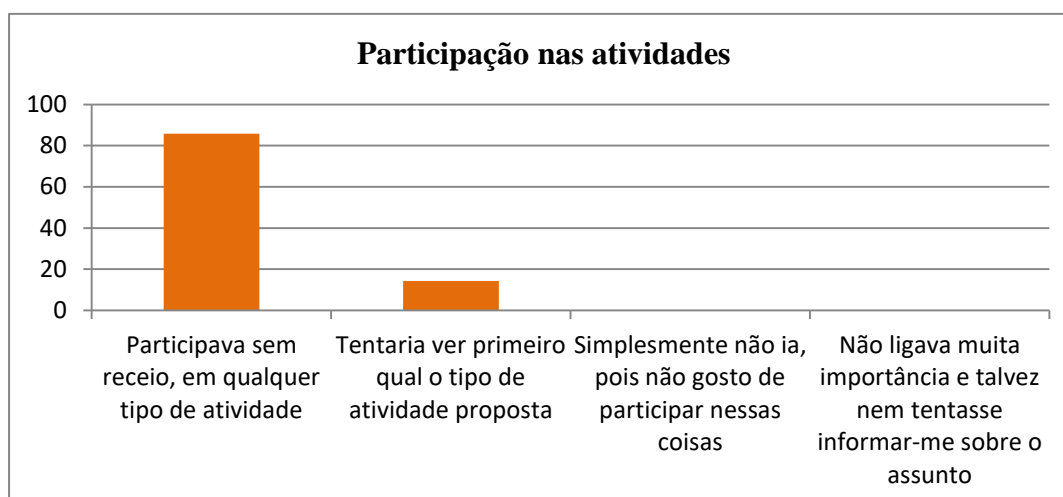
**Gráfico 14 Distribuição de frequências relativamente aos motivos da relação com a educadora**



Os inquiridos consideram que têm uma boa relação com a educadora porque ela é uma pessoa acessível e disponível (28%) e é uma pessoa em quem confiam (28%), 19% considera que esta facilita a cooperação com o Jardim-de-infância, alguns dos inquiridos (11%) afirmam que esta os recebe sempre bem.

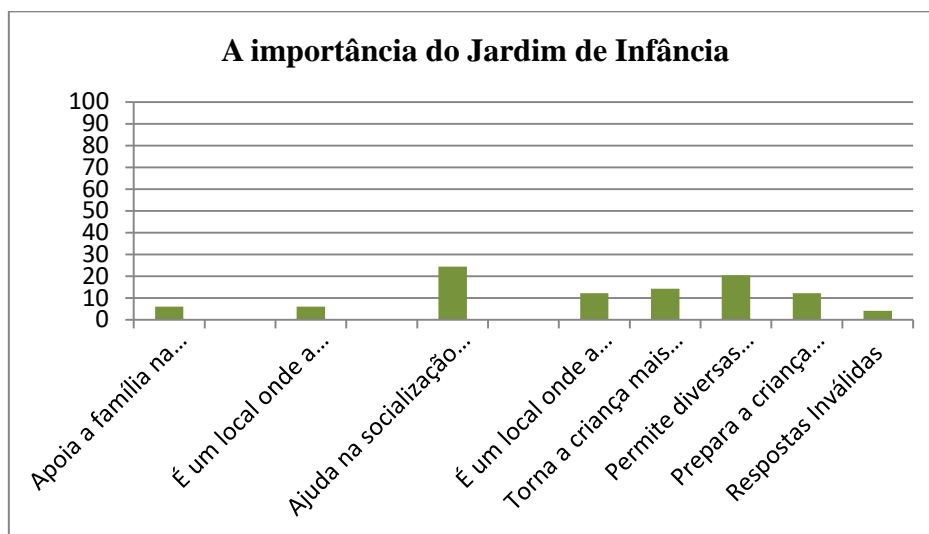
**Gráfico 15 Distribuição de frequências relativamente à comunicação com a educadora**

A comunicação com a educadora é outro aspeto importante na relação que se estabelece entre a educadora e a família, 30% dos inquiridos afirma que a educadora é capaz de ouvi-lo(a) e permite que dê informação acerca do seu educando, 25% considera que a educadora tem em conta as suas opiniões e decisões sobre a educação do seu educando e 13% a educadora toma em consideração e respeita as suas diferenças culturais.

**Gráfico 16 Distribuição de frequências relativamente à participação nas atividades**

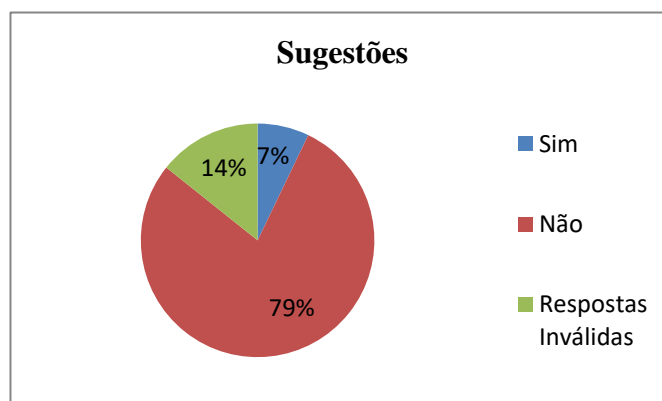
Se o/a convidassem a participar em alguma atividade na escola do seu educado 86% dos inquiridos afirma que participava sem receio, em qualquer tipo de atividades, por sua vez 14% dos inquiridos consideram que tentariam ver primeiro qual o tipo de atividade proposta.

**Gráfico 17 Distribuição de frequências relativamente à importância do jardim-de-infância**



Quando questionados acerca da importância do Jardim-de-infância, 24% dos inquiridos afirma que ajuda na socialização da criança (aprende regras, hábitos, faz amigos, etc), 20% considera que o jardim-de-infância permite diversas aprendizagens de diferentes domínios do saber. 14% refere que o jardim-de-infância torna a criança mais autónoma, e 12% considera que é um local onde a criança se sente bem, assim como prepara a criança para a escola do 1º Ciclo do Ensino Básico. Os restantes, 12% afirmam que o jardim-de-infância apoia a família na educação da criança (6%) e é um local onde a família pode deixar a criança durante o horário de trabalho (6%).

**Gráfico 18 Distribuição de frequências acerca das sugestões**



Quando lhes é pedido se gostariam de sugerir alguma iniciativa para promover a relação escola/família a maior concentração de dados 79% afirma não ter sugestões, 14% das respostas foram consideradas inválidas e apenas 7% dos inquiridos se mostrou disponível a dar sugestões. Uma sugestão apresentada pelos inquiridos foi proporcionar jogos filhos e pais (atividades desportivas).

## **Análise e interpretação dos dados**

Analisando os resultados obtidos verificamos que alguns são bastante significativos. Em forma de síntese pode dizer-se que, relativamente à dimensão da amostra, esta é uma amostra pouco significativa, apenas 58% das famílias responderam ao questionário. A maioria dos inquiridos é do sexo feminino (79%), e relativamente á idade destes, a maior contração de dados verifica-se entre 38 e 39 anos, o inquirido mais novo tem 35 e o mais velho tem 41 anos. A maioria destes são casados, e possuem uma licenciatura.

Relativamente à situação profissional dos inquiridos, percebemos que 21% destes se encontram desempregados e 14 % são professores. A este respeito, podemos referir que muitas vezes o nível socioeconómico e académico das famílias desempenha um papel importante quando se fala na participação das famílias na escola e, neste caso específico, no jardim-de-infância. Na verdade, autores como Bento, Mendes e Pacheco (2016, citando Semedo 2006) referem que a participação “ (...) depende da posição socioeconómica e académica de cada um, registando-se um maior afastamento dos pais com menores recursos económicos, culturais e daqueles que vivem em zonas mais desfavorecidas (Bento, Mendes, & Pacheco , 2016).

Relativamente à ligação institucional que os inquiridos têm com a criança, 79% dos familiares são os encarregados de educação. O que mostra que 21% dos inquiridos, não sendo os encarregados de educação das crianças, também participam da vida e do dia-a-dia da criança no jardim-de-infância. Segundo o Estatuto do Aluno e ética Escolar o encarregado de educação é considerado

“quem tiver menores a residir consigo ou confiados aos seus cuidados (artigo 43.º, n.º 4):

- Pelo exercício das responsabilidades parentais;
- Por decisão judicial;
- Pelo exercício de funções executivas na direção de instituições que tenham menores, a qualquer título, à sua responsabilidade;
- Por mera autoridade de facto ou por delegação, devidamente comprovada, por parte de qualquer das entidades referidas nos pontos

anteriores” (Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos, 2014, p. 11).

Os dados também nos permitiram perceber que a maioria das famílias, deslocase ao jardim-de-infância para as reuniões de pais ou quando são chamados. No entanto, há que salientar que ainda é necessário algum trabalho para que a participação-colaboração das famílias seja maior e não se resuma apenas às reuniões ou a outros momentos quando são chamados.

À semelhança de Marques (2001) consideramos que

“ a comunicação como fundamento da vida implica a existência de um bem comum a todos os participantes na comunicação. O bem comum precisa de ser reconhecido por todos como bem comum para que possam existir duas condições da boa comunicação e a concórdia” (Marques, 2001, p. 55).

Assim, Marques (2001) também nos diz que esta é uma prática bastante generalizada uma vez que existe uma

“ tradição de colaboração da escola com as famílias que acentua o dever de fazer reuniões de pais e a reserva de uma hora semanal para o atendimento individual dos pais e, por outro lado, a legislação escolar portuguesa há muito que tornou obrigatória essa prática” (Marques, 2001, p. 56).

Este autor apresenta, ainda, algumas ideias para que essa colaboração seja cada vez maior e não tão centrada nas reuniões ou quando os pais são chamados. Ou seja, refere o facto de a instituição possuir uma sala reservada para receber as famílias; as famílias terem acesso ao calendário escolar; a realização de reuniões periódicas com a associação de pais; e envio de relatórios e fichas informativas; convidar as famílias para a sua colaboração nas atividades culturais e recreativas.

Nesta linha de pensamento, Magalhães (2007), apoiando-se em Epstein (2001), afirma que é importante a realização de seminários, bem como proporcionar a informação relativa a tais seminários, às famílias que não poderão estar presentes no mesmo; levar as famílias a partilhar informações sobre a sua cultura; estabelecer comunicações com a família acerca da escola e dos progressos das crianças; utilizar o voluntariado como forma de apoio ao jardim-de-infância e a partilha na tomada de

decisões são alguns pontos que esta autora foca para melhorar a comunicação e a participação das famílias (Magalhães, 2007).

Uma pequena percentagem dos familiares afirma que se desloca ao jardim-de-infância apenas da parte de manhã e da parte da tarde, o que corresponde à entrada e saída das crianças do jardim-de-infância. No entanto e apesar de esta ser uma realidade assumida, as famílias continuam a afirmar que estão informadas sobre os assuntos do jardim-de-infância.

Quando questionados sobre a sua participação nas atividades promovidas pelo jardim-de-infância, os inquiridos, na sua maioria, consideram que participam nas festas (Natal, Carnaval, Final de ano...) e nas reuniões de pais. Mais uma vez, as reuniões de pais e as festas ganham aqui um lugar de destaque. Segundo Homem (2002) a participação na escola-organização, pode assumir diversos critérios e

“assumir diversas modalidades; atualizar-se em diversas áreas; focalizar-se em diferentes objetivos; e concretizar-se - de acordo com o grau de poder dos participantes e com o papel que estes desempenham – em diferentes formas. É devido a esta multiplicidade de aspetos que a participação adquire múltiplas significações (e designações), constituindo-se por isso um conceito plural. Não existe “a” participação; não existe “ a melhor” participação; existem “participações” (Homem, 2002, p. 55/56).

Relativamente à relação que mantém com a educadora de infância, os sujeitos da amostra consideram que possuem uma boa relação sendo a educadora uma “pessoa acessível e disponível” e uma “pessoa em quem confiam”.

Uma vez que a comunicação com a educadora é um aspeto importante, achamos pertinente perceber como é que ela é feita. Para os inquiridos, a educadora é capaz de os ouvir e permite que estes lhe dêem informação acerca dos seus educandos. “O jardim-de-infância é um mundo afetivo emocional muito importante, onde o educador deverá ter uma disponibilidade afetiva muito grande, servindo-se de valores tais como: autenticidade, simpatia, criatividade, espontaneidade que utilizará paralelamente com os conhecimentos científicos” (Costa, et al., 1988, p. 12) de modo a corresponder às expectativas da criança e da sua família e, desta forma, proporcionar-lhe experiências enriquecedoras.

Quando convidados a participar em alguma atividade a maioria dos inquiridos participava sem receio, em qualquer tipo de atividade, mas, quando lhes foi pedido sugestões de futuras atividades, a maioria dos inquiridos não respondeu à questão.

Sendo a educação pré-escolar uma etapa importante na vida das crianças, era importante perceber o que é, para estas famílias, a educação pré-escolar. Pelos dados verifica-se que estas famílias veem na educação pré-escolar um momento de grande relevância para a socialização da criança (“aprende regras, hábitos, faz amigos”). Mas segundo Montenegro (2001, citado por Silva et al., 2008, p.125) “a educação de infância, contrariamente ao que muitas vezes acontece na educação escolar, deve articular de forma harmoniosa a função de educar com a função de cuidar das crianças”.

### **Análise de dados recolhidos a partir de uma atividade com as crianças**

#### **Atividade realizada no Jardim-de-Infância**

A atividade foi desenvolvida partindo da leitura da história “O livro da Família” de Todd Parr (2003). Esta história aborda os diferentes tipos de família, famílias grandes/pequenas, todos da mesma cor ou todos diferentes, moram perto ou longe entre muitas outras características das famílias da sociedade atual. A partir da leitura da história, as crianças foram-se identificando com as diferentes famílias, e associando com a sua família ou com a família de algum colega. De seguida, foi pedido às crianças que falassem um pouco sobre a sua família. As crianças partilharam não só a constituição da sua família, como também perceberam que, tal como na história, existiam famílias diferentes da sua. Esta conversa despoletou muitas comparações e analogias com as famílias da história. A leitura da história e a partilha que se seguiu foi algo que foi partilhado por todo o grupo. Para a realização dos desenhos apenas as crianças dos 4, 5 e 6 anos participaram num total de 15 crianças.

Foi pedido às crianças que, individualmente, e sem lhes estabelecer qualquer barreira ou limitação, desenhassem a sua família e, posteriormente, o jardim-de-infância que frequentavam (anexo 2). Mais tarde, e num outro momento, as crianças descreveram os seus desenhos, os quais foram analisados por nós, segundo Bédard (2000).

Esta atividade culminou com a elaboração de um mural da família e do jardim-de-infância. Para a elaboração do mural as crianças pintaram flores e corações nos quais foi escrito o que as crianças achavam acerca da sua família e do jardim-de-infância. Este mural foi colocado à entrada do jardim-de-infância para que as “duas famílias” (família e jardim-de-infância), tivessem conhecimento das ideias das crianças e as partilhassem, de forma a potenciar uma boa relação entre todos.

### **Análise dos desenhos**

Nas palavras de Gândara (1987, p.19) “Todas as crianças, ao criarem imagens, estão a exprimir ideias cheias de significado para si próprias”. Sendo que todos os desenhos possuem um significado para cada criança. Tendo em conta a análise efetuada aos desenhos e baseando-se em Bédard (2000) é possível dizer que todas as crianças desenharam e identificaram elementos quer da sua família, quer do jardim-de-infância que frequentam.

Relativamente aos desenhos da família, um dos primeiros elementos de análise que efetuámos foi verificar se a criança se desenhava a si própria, ou não. Uma vez que é o elemento principal desta relação, é importante que se reveja no seu desenho e nos dois contextos em análise (família e jardim-de-infância). A este propósito salientamos que 12 crianças desenharam-se a si próprias num ou outro desenho, ou nos dois desenhos, embora nem todas as crianças o fizeram. Das 12 crianças mencionadas, 6 delas desenharam-se nos dois desenhos, outras 6 crianças desenharam-se apenas no desenho da família. Destas 6 há a salientar que 2 delas desenharam-se no desenho da família, mas no desenho do jardim-de-infância fizeram referências “aos meninos” ou seja, às crianças que frequentavam o jardim-de-infância, no qual elas estavam incluídas. Apenas 3 crianças não se desenharam em nenhum dos desenhos.

Quase todas as crianças desenharam o seu núcleo familiar. Ou seja 1 desenharam os seus pais (pai e mãe), e uma criança fez referência apenas à mãe. Além dos pais, 10 crianças desenharam os seus irmãos, houve ainda crianças que desenharam não só o seu núcleo familiar como também desenharam a sua família mais próxima, três delas desenharam os avós e uma delas desenhou os tios.

Para desenharem a sua família, as crianças desenharam bonecos. Segundo Bédard (2000) os bonecos podem assumir várias formas: umas mais simples e outras mais complexas e com diversas cores. O boneco “representa em grande parte dos casos, a própria criança ou as pessoas que a rodeiam” (Bédard, 2000, p. 39). Os bonecos mais simples são os denominados bonecos fósforos, estes possuem traços simples, o que nos indica que a criança lhes dá, “pouca importância” (Bédard, 2000, p. 39) desejando chamar a atenção para os outros elementos do desenho. Por sua vez, uma criança que desenha traços redondos e grandes para os olhos mostra que é uma criança curiosa, por outro lado, pode indicar que a criança sente medo e fica estupefacta com o que vê. Os olhos pequenos indicam que a criança prefere não ver a situação, ou tem consciência que lhe estão a esconder alguma coisa e está pronta para manter essa situação. Quando a boca dos bonecos é acentuada demonstra que a criança “fala pelos cotovelos”, por outro lado, a ausência da boca indica que a criança não diz nada. Os braços e a sua posição também são um fator importante a ter em conta, ou seja, quando estão virados para cima significa que a criança quer ser entendida e ela implora para ser ouvida. Por outro lado, os braços colocados junto ao corpo significam que a criança não quer contacto social. Quando estão na horizontal demonstram que a criança quer interação social.

Além dos elementos que constituem a sua família e as outras crianças do jardim-de-infância, algumas crianças ainda desenharam outros elementos a ter em conta quando analisamos os desenhos. O céu, o sol, as nuvens e a relva, são elementos expressivos. Todas as crianças que desenharam o sol, desenharam-no na parte superior da folha o que representa “a cabeça, o intelecto, a imaginação, de facto é o desejo de novas curiosidades e de descobertas” (Bédard, 2000, p. 15).

Como referimos, todas as crianças, desenharam o sol na parte superior da folha, no entanto mas nem todas o desenharam do mesmo lado.

O sol “entende-se «a energia masculina» definindo-se como sendo o nosso lado independente e combatente” (Bédard, 2000, p. 41). Quando desenhado à esquerda da folha “(o lado esquerdo representa o passado ou a ligação com a mãe), a criança indicamos a influência de uma mãe autónoma que se mexe e age sem esperar pelos outros” (Bédard, 2000, p. 41). Quando este se encontra à direita dá-nos a conhecer “o tipo de percepção que a criança tem do pai” (Bédard, 2000, p. 41).

De todas as crianças que desenharam o sol, a sua maioria desenhou-o do lado esquerdo da folha, o que indicia que estas crianças sentem a influência da mãe. Por outro lado, as crianças que o desenharam do lado direito, mostra a influência do pai.

Outro elemento importante para a análise diz respeito às casas, 4 crianças desenharam a sua casa. Houve, ainda, crianças que desenharam espaços que, em nossa opinião, são espaços onde se sentem bem e que costumam utilizar em família como é o caso do “Parque ao pé de casa”.

A casa “representa a emoção vivida do ponto de vista social. Este tema informa-nos sobre o grau de abertura ou não perante o ambiente imediato” (Bédard, 2000, p. 35).

Bédard (2000) também diz que o tamanho da casa é um aspeto que devemos ter em consideração. Assim, se a casa for grande, significa que a criança se encontra numa fase mais emotiva que racional, uma casa pequena diz-nos que a criança é mais introspetiva. As portas e janelas são outro fator a ter em conta, uma porta pequena significa que a criança é seletiva nas pessoas que convida para sua casa, uma porta grande é sinal de boas-vindas. Quantas mais janelas a casa possuir mais a criança quer conhecer o que se passa à sua volta. Por outro lado, quanto mais pequenas, mais discreta a criança pretende ser. Nos desenhos realizados, as casas representam a própria casa e o jardim-de-infância.

Surpreendentemente a criança 2 (anexo 2) no seu desenho da família desenhou “a escola”, sendo que quando lhe foi pedido para desenhar o jardim-de-infância a criança não o fez porque segundo ela “eu já o desenhei”. Na sua descrição a criança descreveu o seu desenho dizendo “Estou a tirar uma fotografia quase ao pé da escola”.

Em jeito de conclusão da análise dos desenhos é possível dizer que os 15 desenhos assumiram diversas formas, diversas cores e elementos, tendo em conta os interesses e motivações de cada criança. A este respeito Luquet (1987) diz que

“o desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral. A intenção de desenhar tal objeto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental; o objeto representado é o que nesse momento ocupa o espírito do desenhador um lugar exclusivo ou preponderante” (Luquet, 1987, p. 23).

Em suma podemos dizer que, através da análise dos desenhos foi possível perceber quem faz parte da família da criança, assim como do jardim-de-infância. No momento da descrição dos desenhos as crianças foram questionadas acerca da presença, ou não, da família no desenho do jardim-de-infância. Nem todas responderam a esta questão, e as que responderam consideraram que a família não deve estar no jardim-de-infância, uma vez que este é um espaço dedicado às crianças. Segundo as crianças, o jardim-de-infância não é um espaço para a família, por isso, não a incluíram, dando como justificação como, por exemplo: “Não, porque é a escola.”; “ Não, porque só os meninos é que andam na escola.”: “Não porque era sábado.”.

### **Análise das entrevistas**

Relativamente às entrevistas realizadas individualmente, apesar de existirem questões orientadoras a conversa desenrolou-se de forma aberta e flexível para que a criança se sentisse o mais descontraída possível.

No decorrer da entrevista todas as crianças identificaram a sua família. Houve crianças que identificaram apenas o seu núcleo familiar, outras contemplaram outros familiares como tio/as, avós e primos. Uma criança referiu os seus animais de estimação como membros da sua família. Os elementos da equipa pedagógica do jardim-de-infância, a estagiária e algumas crianças do grupo foram incluídos na descrição feita por algumas crianças.

Maioritariamente, são os pais que acompanham a criança de manhã e à tarde até ao jardim-de-infância, mas também os tios/tias, padrinho e madrinha e os avós são contemplados.

Relativamente à ligação estabelecida entre a sua família e a educadora, algumas crianças sentem que essa ligação existe e que é potenciada maioritariamente pelos pais que em diversos momentos, comunicam com a educadora. Uma das crianças refere mesmo que “Só a mãe é que fala com a educadora”. Por outro lado, existiram crianças que afirmaram que não sabem se essa ligação é, ou não, estabelecida, uma delas afirmou mesmo que “Não porque a T vem depois de eu vir. Falam no caminho quando se encontram (caminho de acesso ao JI)”.

Quanto à participação nas atividades, 9 das crianças consideram que a sua família participa nas atividades e uma delas referiu mesmo que essa participação é feita, sobretudo, no dia dos pai e dia da mãe. As restantes crianças consideram que os pais não participam nas atividades e duas delas referiram que não participam porque os pais estão a trabalhar, ou então, estão a tomar conta dos irmãos e, por esse motivo, não participam.

Quando questionados acerca da ajuda em casa nas pesquisas ou pequenos trabalhos, todas as crianças afirmam que sim e sentem que os seus familiares lhe dão apoio nessa tarefa, algumas delas referiram os pais como os seus principais ajudantes nesta execução.

Relativamente à participação nas festas, quase todas as crianças, à exceção de uma, consideram que a sua família participa nas festas. Houve crianças que sentiram necessidade de nomear os elementos da sua família que participam nas festas, nomeadamente, os pais e os avós. De salientar, que uma criança referiu que a sua família participa quando faz anos.

Quanto ao interesse da família pelo dia-a-dia da criança, a maioria afirma que sentem esse interesse por parte da sua família, mas duas das crianças disseram que “Perguntam, mas eu não digo porque não me lembro” e “Sim, mas não digo nada.” Duas crianças dizem que não sentem que a sua família demonstre interesse pelo seu dia-a-dia.

Relativamente ao jardim-de-infância que frequentam, as crianças gostam de lá estar e justificam essa afirmação pelos amigos, porque gostam de brincar lá, “porque é giro”, porque possuem lá família, nomeadamente um primo, pelas atividades que lá fazem nomeadamente porque “vemos filmes, contamos histórias, brincamos muito, dão doces, damos passeios e trabalhos”.

Quando questionados sobre a equipa educativa, todas as crianças afirmaram que gostavam da equipa educativa do jardim-de-infância, e quase todas sentiram necessidade de explicar porque razão gostam dela: “Sim, porque trabalham bem e tu (estagiária) trabalhas muito bem.”; “Sim porque gosto da escola.”; “Sim porque ensinam muita coisa.”; “Gosto, fazem coisas divertidas a mim e aos outros.”; “Sim porque são diferentes.”

Se a participação das famílias é um fator a ter em conta na educação de uma criança, deste modo é importante perceber o que estas sentem acerca da participação da sua família no dia-a-dia do jardim-de-infância. A maioria destas crianças sente que a sua família participa nas diferentes atividades propostas pelo jardim-de-infância, mas também refere que é necessário uma maior participação. Na sua maioria justificaram essa necessidade de maior participação com as seguintes afirmações: “Sim, porque gosto que eles venham.”; “Sim, porque a minha família é minha amiga e dá-me muitas coisas.”; “Sim porque eu amo muito o mano.”; “Sim, porque gosto da minha família e quero que esteja sempre ao meu lado.”. De todas as afirmações, existem 3 que nos despertaram a atenção e que demonstram que estas famílias nem sempre estão presentes nas atividades propostas, “Sim, porque eles, às vezes, trabalham no pão de açúcar.”; “Sim, porque eles, às vezes, faltam e eu gostava que eles me vissem.”; “Sim porque eu gosto. Eu gostava que a minha mãe estivesse presente.”. Contudo uma das crianças não considera necessária uma maior participação da sua família.

## **Reflexão e conclusão da intervenção**

Tendo em conta os dados obtidos é importante proceder a uma discussão mais detalhada, dando especial ênfase aos resultados mais significativos, confrontando-os com os objetivos e questões de investigação enunciadas.

A maioria dos inquiridos é do sexo feminino e possuem, na sua maioria, 38 ou 39 anos e são casados. Relativamente a situação profissional, a que mais se destacou foi os desempregados com 21%, seguido dos professores com 14 %, este fator é importante uma vez que muitas vezes o nível socioeconómico e académico das famílias influencia a sua participação. Semedo citado em Bento, Mendes & Pacheco (2016), diz-nos que as famílias mais desfavorecidas se encontram mais distantes da escola ou do jardim-de-infância sendo a sua participação menor.

Dos inquiridos, 79% são encarregados de educação, e os restantes 21% afirmam não ser encarregados de educação da criança, o que revela o facto de não ser apenas os encarregados de educação a participarem da vida e do dia-a-dia da criança, sendo uma tarefa “de toda” a família.

Sendo a comunicação um elo de ligação entre a família e o jardim-de-infância, esta nem sempre se processa da melhor forma, o que conduz a afastamentos. Nas respostas aos inquéritos, a maioria das famílias afirma que se desloca ao jardim-de-infância para as reuniões de pais ou quando são chamados. Além dos momentos referidos, os inquiridos afirmam que se deslocam ao jardim-de-infância apenas da parte de manhã e da parte da tarde, o que corresponde à entrada e saída das crianças do jardim-de-infância.

Tendo em conta a realidade assumida pelos inquiridos, estes sentem que estão informados sobre os assuntos do jardim-de-infância.

Quanto à participações das famílias nas diferentes atividades, os inquiridos consideram que participam, opinião também partilhada pelas crianças. As festas (Natal, Carnaval, Final de ano...) e as reuniões de pais são atividades que se destacaram quer nos inquéritos preenchidos pelas famílias quer pelas atividades realizadas com as crianças. Apesar de estes serem momentos importantes, em que a presença das famílias é imperativa, é necessário que essa presença seja mais frequente e mais significativa e não se resume a reuniões ou a pequenos momentos.

Contudo e segundo Wong “as reuniões podem servir também para a escola convidar os pais para outras atividades que não sejam apenas encontros de início e fim de período. Existem iniciativas que a escola pode promover com os pais ou com a sua ajuda” (Wong, 2013, p. 80). No caso do jardim-de-infância, as famílias podem participar com o seu apoio em visitas de estudo, numa atividade musical ou, até mesmo, levar um familiar a falar sobre a sua profissão, ler uma história. Estes são alguns exemplos em que a participação das famílias é levada a outro nível e que, cada vez mais, devem ser a realidade nos jardins-de-infância. Esta participação pode e deve ser sempre uma participação apoiada pela educadora, não só como forma de interação, mas, também, na planificação e avaliação da atividade desenvolvida.

As reuniões são momentos importantes, uma vez que estas servem para que jardim-de-infância e família se centrem na criança e no que podem fazer por ela, de forma a melhorar o seu desenvolvimento. A este propósito Hohmann, Banet & Weikart (1979) dizem ainda que

“qualquer conversa com os pais deve começar por uma opinião positiva sobre a criança. A criança pode ganhar muito mais se a equipa de educadores se concentrar no apoio aos pais e no trabalho juntamente com eles em vez de os criticar e tentar «recicla-los».” (Hohmann, Banet, & Weikart, 1979, p. 37).

Quando convidados a participar em alguma atividade, os respondentes afirmam que participavam sem receio, em qualquer tipo de atividade, mas, quando lhes foi pedido sugestões de futuras atividades, a maioria dos inquiridos não respondeu à questão, apenas uma das famílias sugeriu “Proporcionar jogos para filhos e pais (atividades desportivas)” como uma atividade a desenvolver em parceria com o jardim-de-infância.

Essa participação permite às famílias conhecer o jardim-de-infância, as suas rotinas e horários, para, desta forma, melhorar e contribuir para um “estabelecimento de ensino melhor e de mais qualidade” (Wong, 2013, p. 155).

A educadora de infância desempenha um papel fundamental na relação entre as famílias e o jardim-de-infância, os inquiridos consideram que possuem uma boa relação com a educadora porque a educadora é uma “pessoa acessível e disponível” e uma “pessoa em quem confiam”. Para eles, a educadora é uma pessoa que é capaz de os

ouvir e que lhes pede informação acerca dos seus educandos. As crianças deste estudo sentem que a sua família possui uma boa relação com a educadora e segundo Wong “no ensino pré-escolar, a relação entre os pais e o educador de infância é feita mais de perto. Isto significa que os pais conhecem o profissional desde o primeiro dia em que a criança está com ele”. (Wong, 2013, p. 64)

Estas famílias veem a educação pré-escolar como um momento para a socialização da criança (“aprende regras, hábitos, faz amigos”). Mas tendo, em conta Montenegro (2001, p. 40, citado por Silva et al.) a educação pré-escolar e mais do que isso, é uma conjugação de fatores não só sociais, mas sobretudo com a função de educar e de cuidar para que a criança se desenvolva de forma harmoniosa.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Segundo Nunes (2004), educar é

“passar da consciência de ser indivíduo, membro da espécie humana, à consciência de ser pessoa, com tudo o que isso implica de empenho na formação permanente, na estruturação da personalidade e no amadurecimento humano. É um processo de elevação, de aperfeiçoamento do ser humano, que conta com a capacidade de transformação de cada um, ao mesmo tempo adaptativa e projetiva, e com a ação estimuladora externa, marcada por uma intencionalidade” (Nunes, 2004, p. 30).

Ao longo de todo este percurso o empenho e a formação foram pilares fundamentais, durante a minha atuação, e sempre com a intenção de fazer mais e melhor pelas crianças e suas famílias, numa estreita parceria entre Jardim-de-Infância/Família. Cada vez mais é importante que todos os intervenientes caminhem lado a lado. “A conceção de uma organização da administração educativa, centrada na escola e nos territórios educativos, tem de assentar na valorização dos diversos intervenientes no processo educativo, designadamente, professores, pais, estudantes, pessoal não docente e representantes do poder local” ( Ministério da Educação Departamento da Educação Básica, 2000, p. 101). Neste percurso, a família e a escola ocupam um lugar privilegiado na vida de cada criança, uma vez que são as “suas famílias” com quem gostam de estar e de partilhar experiências significativas.

A cada uma delas

“...cabem responsabilidades específicas de que não podem alhear-se, mas para que a educação conduza ao processo harmonioso dos educandos, Família e Escola devem assumir os seus papéis numa linha de cooperação mútua, integrando positivamente as normais diferenças culturais nas relações de diálogo e na ação educativa, como condição indispensável para o conhecimento dos educandos, a compreensão da sua mundividência e a consecução do seu sucesso escolar” (Nunes, 2004, p. 32) .

Sendo as sociedades constituídas por pessoas, para que aquelas se tornem cada vez melhores é fundamental que todas contribuam colaborativamente. É necessário e importante que a família, as escolas e a comunidade partilhem e cooperem para a

concretização de uma sociedade mais consciente de que maior presença e colaboração se traduz em maior corresponsabilização pelo mundo.

Concluindo resta-nos referir pelas palavras de Paulo Freire (s/d) que a “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” .

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



- Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos. (2014). *Guia para os estabelecimentos de ensino, pais, mães e encarregados de educação*.
- Bédard, N. (2000). *Como Interpretar os Desenhos das Crianças*. Mem Martins : Edições CETOP.
- Beltrão, P. C. (1973). *Sociologia da Família Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- Bento, A. V., Mendes, G. R., & Pacheco, D. (2016). Obtido em 21 de Novembro de 2017, de Relação Escola-Família: Participação dos Encarregados de Educação na Escola:  
<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/viewFile/648/637>
- Borsari, J. R. (2006). *Crianças de Zero a Quatro anos: como desenvolvê-las para serem felizes, saudáveis e responsáveis no futuro*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA.
- Costa, A., Páscoa, A. A., Amado, A., Marreiros, A., Brito, C., Sousa, E., . . . Oliveira, Z. (1988). *Formar no Jardim de Infância*. Faro: Escola do Magistério Primário, Curso de Promoção de Educadores de Infância.
- Costa, F., & Ferrer, G. (06 de 06 de 2011). *Nota Possitiva*. Obtido em 11 de 11 de 2017, de Nota Possitiva:  
[http://www.notapositiva.com/old/pt/trbestbs/areaintegr/12\\_estrutura\\_familiar\\_e\\_dinamica\\_social\\_d.htm](http://www.notapositiva.com/old/pt/trbestbs/areaintegr/12_estrutura_familiar_e_dinamica_social_d.htm)
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (s.d.). Obtido em 16 de 07 de 2017, de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa:  
<https://www.priberam.pt/dlpo/crian%C3%A7a>
- Diez, J. J. (1989). *Família-Escola, uma Relação Vital*. Porto: Porto Editora.
- Gândara, M. I. (1987). *Desenho Infantil - Um Estudo sobre Níveis do Símbolo*. Lisboa : Texto Editora.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1979). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Homem, M. L. (2002). *O Jardim de infância e a Família: As Fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ketele, J. M., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, J. Á. (2002). *Pais e Professores um Desafio à Cooperação*. Porto: Edições ASA.
- Luquet, G. (1987). *O Desenho Infantil*. Porto : Livraria Civilização.
- Magalhães, G. M. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim-de-Infância /Família*. Lisboa : Instituto Piaget.
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o Spss Statistics*. Pero Pinheiro: ReportNumber.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, M. E., Loura, L. C., & Mendes, M. d. (2007). *Análise de Dados Texto de Apoio para os Professores do 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, M. E., Loura, L. C., & Mendes, M. d. (2007). *Análise de Dados : texto de apoio para os professores do 1º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação Departamento da Educação Básica. (2000). *A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Infância em Portugal = = Early childhood education and care policy in Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação Departamento da Educação Básica; Isabel de Lemos Carvalho. (1996). *Educação Pré-Escolar em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica - Núcleo de Educação Pré-Escolar. (1995). *Dos 3 aos 5 anos - no jardim de infância*. Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- Nunes, T. P. (2004). *Colaboração Escola-Família Para uma escola culturalmente heterogénea*. Lisboa: Acime.

- Organização Albano Estrela, Júlia Ferreira. (1997). Métodos e técnicas de investigação científica em educação : "[actas do VII Colóquio Nacional]. *Para uma Reflexão sobre processos de "investigação implicada"*. Lisboa: Albano Estrela, Júlia Ferreira.
- Pereira, L. d. (s.d.). *O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso*. Obtido em 06 de 04 de 2017, de <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/11/lais-krucken-pereira.pdf>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2009). *Análise Categórica, Árvores de Decisão e Análise de Conteúdo*. Lisboa : Lidel.
- Pinto, M., & Sarmiento , M. J. (1997). *As Crianças Contextos e Identidade*. (U. Minho, Ed.) Obtido em 26 de 06 de 2017, de Repositório UM: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/40377>
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Família e Creches - Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* . Lisboa: Gradiva.
- Rocha, A. M., & Setim, C. J. (2013/2014). *Perfil do Desempenho Profissional do Educador de Infância*. Obtido em 29 de 11 de 2017, de <http://universidade-madeira.wixsite.com/e-portefolioipp2/perfil-do-educador-de-infncia>
- Rodrigues-Lopes, A. (1997). *Problemática da Família: Contributo para uma reflexão sobre a família na sociedade actual*. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu.
- Santos, S. (06 de 04 de 2017). *Ano XV – nº 1 -II Série -2013 Estudo de caso – A interpretação do ...* Obtido de Educareducere: [https://www.researchgate.net/publication/260602238\\_Ano\\_XV\\_-\\_n\\_1\\_-\\_II\\_Serie\\_-2013\\_Estudo\\_de\\_caso\\_-\\_A\\_interpretacao\\_do\\_desenho\\_infantil](https://www.researchgate.net/publication/260602238_Ano_XV_-_n_1_-_II_Serie_-2013_Estudo_de_caso_-_A_interpretacao_do_desenho_infantil)
- Saraceno, C. (1992). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.

- Sarmento, T., Ferreira, F. I., Silva, P., & Madeira, R. (2009). *Infância, Família e Comunidade As Crianças como Actores Sociais*. Porto : Porto Editora.
- Silva, A. d., Fonseca, A., Guimarães, A. M., Novo, C., Cardona (coord.), M. J., Pagarete, J. M., & Marques (coord.), R. (2008). *Aprender e Ensinar no Jardim de Infância e na Escola*. Chamusca: Edições Cosmos.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação : como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, T. (2009). *Prática Pedagógica Sustentada: Cruzamento de Saberes e de Competências*. Lisboa: Edições Colibri .
- Vayer, P. (2003). *O Jardim-Escola*. Lisboa: Instituto PIAGET.
- Vieira, R. (1992). *Entre a Escola e o Lar*. Lisboa: FIM DE SÉCULO.
- Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e Família Uma Relação Produtiva de Aprendizagem em Sociedades Multiculturais* . Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Weil, P. (1991). *A Criança, o Lar e a Escola* . Petrópolis: Editora Vozes.
- Wong, B. (2013). *O meu filho fez o quê ??? Guia de Relacionamento dos Pais com a Escola*. Porto : Porto Editora.

### **Legislação Consultada:**

- Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar - Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro
- Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto, Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico. DR n.º 201 – I Série – A; Anexo 1

## **ANEXOS**



## Anexo 1 - Questionário às Famílias



### Questionário

Este questionário faz parte de um trabalho de investigação que está a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação de Coimbra, sob a orientação científica da Professora Doutora Fátima Neves.

O objetivo desta investigação centra-se na compreensão da relação existente entre a família e o jardim-de-infância no contexto de educação pré-escolar.

A sua colaboração é extremamente importante para o desenvolvimento deste estudo, pelo que, desde já agradeço a sua disponibilidade e participação, garantindo o anonimato e a confidencialidade das respostas.

Grata pela colaboração

A estagiária

Marina Pratas

### Identificação

1. Sexo:

	Assinale com X
Feminino	
Masculino	

2. Idade

Anos

3. Estado Civil: \_\_\_\_\_

4. Habilitações literárias

4º Ano       Secundário

6º Ano       Licenciatura

7º Ano       Outro. Qual? \_\_\_\_\_

9º Ano

5. Profissão atual \_\_\_\_\_

6. Têm no jardim-de-infância uma criança do sexo:

	Feminino	Masculino
Assinale com um X		

7. É encarregado de educação da(s) criança(s) que frequenta (m) o jardim-de-infância?

	Sim	Não
Assinale com um X		

### Relação jardim-de-infância – família

1. Costuma deslocar-se ao jardim-de- infância para além dos momentos de entrada e saída do(s) seu(s) filho(s) do Jardim de infância?

	Sim	Não
Assinale com um X		

- 1.1 Se sim, com que periodicidade?

	Assinale com um X
Todas as manhãs	
Na hora de almoço	
Todas as tardes	
Só quando sou chamado	
Para as reuniões de pais	

2. Está informado sobre os assuntos do jardim-de-infância?

	Sim	Não
Assinale com um X		

- 2.1 Se não, indique o porquê?

Não me interessa  Não tenho tempo disponível

Não tenho acesso a essa informação

Outro motivo.  Qual? \_\_\_\_\_

3. Costuma participar nas iniciativas promovidas pelo jardim-de-infância?

	Sim	Não
Assinale com um X		

- 3.1 Se sim, quais as iniciativas em que participa?

	Assinale com um X
Festas ( Natal, Carnaval, Final de ano...)	
Atividades realizadas com as crianças	
Reuniões de país	
Outras. Quais?	

4. Considera que tem uma boa relação com a educadora de infância do(s) seu(s) filho(s)?

	Sim	Não
Assinale com um X		

- 4.1 Em caso afirmativo selecione as **3 opções** que considera mais relevantes.

	Assinale com um X
É uma pessoa acessível e disponível	
Recebe-me sempre bem	
É uma pessoa compreensível	
Facilita a cooperação para falar com o Jardim de Infância	
É uma pessoa em quem confio	

5. Como caracteriza a comunicação que estabelece com a educadora?

Selecione as **3 opções** com que mais se identifica.

	Assinale com um X
A educadora é capaz de ouvi-lo(a) e permitir que dê informação acerca do meu/minha educando/a	
A educadora tem em conta as opiniões e decisões sobre a educação do meu/minha educando/a	
A educadora aceita a sua colaboração na elaboração do programa e plano educativo do seu educando/a	
A educadora considera as suas opiniões em relação à avaliação do trabalho realizado com o meu/minha educando/a	
A educadora faculta o trabalho que desenvolve com o meu/minha educando/a	
A educadora toma em consideração e respeita as diferenças culturais	

6. Se o convidassem a participar em alguma atividade na escola do seu educando: (Selecione **apenas 1** das seguintes opções)

Participava sem receio, em qualquer tipo de atividade

Tentaria ver primeiro qual o tipo de atividade proposta

Simplesmente não ia, pois não gosto de participar nessas coisas

Não ligava muita importância e talvez nem tentasse informar-me sobre o assunto

7. Para si o Jardim de Infância é importante porquê:  
 (Selecione as **4 opções** que considera mais importantes)

	Assinale com um X
Apoia a família na educação da criança	
É um local onde a família pode deixar a criança durante o horário de trabalho	
Ajuda na socialização da criança (aprende regras, hábitos, faz amigos, ...)	
É um local onde a criança se sente bem	
Torna a criança mais autónoma	
Permite diversas aprendizagens de diferentes domínios do saber	
Prepara a criança para a escola do 1º Ciclo do Ensino Básico	

8. Gostaria de sugerir alguma iniciativa para promover a relação escola-família?

	Sim	Não
Assinale com um X		

- 9.1 Se sim, dê-nos a(s) sua(s) sugestão(ões):

---



---



---

## Anexo 2- Análise dos desenhos realizados pelas crianças

**Nota** – A análise dos desenhos foi efetuada segundo o livro “Como Interpretar os Desenhos das Crianças” de Nicole Bédard (2000).

### ➤ Criança 1

#### Desenho da Família



**Descrição da Criança** – “Pai; Mãe; eu; Céu e o sol”

**Análise do Desenho** - O desenho encontra-se desenhada na vertical. A zona superior da folha representa o seu pensamento e o facto de a criança a ter colorido em azul indica-nos que ela está em paz, não se sente insegura. A energia que circula no azul é doce e calma.

O sol remete-nos para a “energia masculina” definindo-se como sendo o nosso lado independente e combatente. O sol desenhado no lado superior esquerdo da folha representa o passado (lado esquerdo), a criança indica-nos a

influência de uma mãe autónoma que se mexe e age sem esperar pelos outros.

O boneco representa em grande parte dos casos, a própria criança ou as pessoas que a rodeiam. Neste caso a criança desenhou três bonecos que identificou como sendo ela, o pai e a mãe. Os bonecos possuem todos o mesmo tamanho, sendo que dois deles são do sexo feminino e um do sexo masculino. A criança desenhou todos os bonecos com cabelo, olhos, nariz boca e pestanas. Os olhos grandes e arredondados diz-nos que é uma criança curiosa que associado ao castanho nos indica o conforto e a segurança. O facto de ter desenhado as pestanas nos olhos dá um ar de sedução o que associado ao

preto remete-nos para o inconsciente. Uma boca acentuada indica-nos que a criança fala pelos cotovelos o que associado ao vermelho nos conduz para uma criança energética. Todos os bonecos foram previamente desenhados a cor de laranja, cor esta que também preenche o boneco do lado direito da folha, o que denota a necessidade de contacto social e público. Os seus gestos assim como a sua linguagem, são rápidos e mesmo precipitados. Por sua vez os bonecos ao centro e do lado esquerdo estão preenchidos a cor-de-rosa o que nos remete para a doçura e ternura. A criança prefere estar em contacto com coisas agradáveis e fáceis. Os sapatos verdes simbolizam a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar. Todos os bonecos encontram-se de braços abertos, à altura dos ombros o que indica a necessidade de interação, a criança está preparada para receber tudo o que lhe quisermos dar.

### **Desenho Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “Escorregas; cordas; as grades; os paus e eu. Não fiz mais porque não quis.”

**Análise do desenho** - O desenho encontra-se desenhado na

horizontal, sendo que nele é visível um boneco que a criança identifica como sendo ela própria. O boneco encontra-se desenhado no lado esquerdo inferior. O lado esquerdo remete-nos para o passado ou seja a criança encontra-se ligada ao passado e não vive o momento presente, e não antecipa o futuro.

O boneco primeiramente foi desenhado em cor de laranja assim como os sapatos, o que denota a necessidade de contacto social e público. Possui ainda o cabelo e os olhos castanhos o que nos traduz conforto e segurança. O olho grande diz-nos que é uma criança curiosa, e a boca acentuada e vermelha indica-nos que é uma criança faladora e energética. O facto de o boneco não ter mãos, é porque a criança se sente

incapaz de tomar a situação “em mãos”, ou por não ter oportunidade de o fazer, ou pelo facto de não o desejar fazer.

Por cima do boneco a criança desenhó um escorrega com as escadas em vermelho o que denota um espírito desportivo e o azul que transmite a tranquilidade o que pode indiciar que ao escorregar a criança sente-se tranquila. Do lado esquerdo desenhó ainda um elemento em castanho que nos remete para a terra, a estabilidade e a planificação. A criança prefere mais a aquisição do que a novidade.

Existem ainda no centro da folha outros elementos desenhados a vermelho e verde. O vermelho é uma cor fundamentalmente “ativa” em contrassenso com o verde que é uma cor mais tranquila e harmoniosa.

No lado inferior direito encontra-se um elemento em cor-de-rosa e neste caso a criança procura a doçura, a ternura e prefere coisas agradáveis. Por outro lado pode denotar alguma vulnerabilidade face a situações mais ou menos agradáveis.

**Porque não desenhó a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “Não sei, acho que não faz parte da escola.”

➤ **Criança 2**

**Desenho da Família / Jardim-de-Infância**



**Descrição da criança desenho da família –**  
“Pai, mãe, eu, mana, e a escola”

**Descrição da criança desenho Jardim-de-Infância-** “Estou a tirar uma fotografia quase ao pé da escola.”

**Análise do desenho -** A criança optou por desenhar na vertical e na parte superior central a criança desenhou uma casa. A parte superior da folha representa a cabeça, o intelecto, o desejo de novas curiosidades e descobertas. O centro da folha indica o momento presente.

A casa representa a emoção vivida do ponto de vista social. Neste caso a criança desenhou a casa com a cor vermelha e preta. O vermelho quando acompanhado pelo preto representa um bloqueio, ou seja o preto bloqueio o vermelho. A criança à primeira vista não parece agressiva mas poderá estar ansiosa e angustiada e a qualquer momento libertará essas energias. A criança desenhou apenas duas janelas pequenas. A criança introvertida tem o hábito de desenhar um número restrito de janelas, na verdade ela sugere que a deixem tranquila.

Uma porta grande é sinal de boas-vindas a qualquer pessoa, e a maçaneta da porta do lado direito corresponde à criança que procura a mudança, ela tem necessidade de ser estimulada ou motivada constantemente.

A criança desenhou quatro bonecos, sendo que três são do mesmo tamanho e um é mais pequeno o que nos remete para a sua família, o pai, a mãe, a criança e a irmã. Todos os bonecos foram previamente desenhados com cor de pele e posteriormente

preenchidos/vestidos com outras cores. Todos possuem cabelo, olhos, nariz e boca, sendo que nos bonecos grandes tudo está desenhado a preto e no pequeno apenas desenhou o nariz e o cabelo desta cor. O preto representa o inconsciente, aquilo que não se vê. A criança que faz traços redondos e grandes para os olhos é uma criança curiosa e tem talvez a curiosidade á flor da pele. O que associado ao azul simboliza a paz e tranquilidade. Uma boca que se destaca sugere que a criança fala pelos cotovelos.

O boneco da esquerda encontra-se vestido com vermelho e verde. O vermelho simboliza a energia enquanto o verde simboliza o bem-estar. O boneco do meio encontra-se vestido de cor-de-rosa e preto. O rosa remete-nos para a doçura e o preto para o inconsciente. O boneco pequeno está vestido de azul que simboliza a paz, a harmonia e a tranquilidade. Por último o boneco da direita encontra-se vestido de roxo ou violeta. A criança que prefere o violeta distingue-se pela sua atitude tanto é extrovertida como introvertida. Todos os bonecos encontram-se de sapatos azuis o que mostra que a criança gosta de andar ao seu próprio ritmo. O azul transmite uma energia doce e calma. Os bonecos grandes encontram-se com os braços para baixo, a expressão “baixar os braços” pode corresponder ao desenho da criança, ela está numa fase onde não quer contacto social. O boneco pequeno não possui braços porque a criança se sente incapaz de tomar a situação.

De salientar que todos os bonecos grandes se encontram unidos pela cabeça através de um traço preto.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** Não respondeu

### ➤ Criança 3

#### Desenho da família



**Descrição da criança** – “Eu e a C (irmã)”

**Análise do desenho-** O desenho encontra-se desenhado na horizontal e no centro da folha encontra-se um boneco. O centro representa o presente o que mostra que esta

criança se encontra ligada ao presente.

Do lado direito da folha encontra-se outro boneco o que nos leva a crer que a criança possui uma ligação com o futuro. O boneco representa muitas vezes as pessoas que rodeiam a criança e neste caso representam a criança e a sua irmã.

Ambos os bonecos possuem cabelo, olhos e boca. Os olhos são grandes e redondos o que significa que a criança é curiosa ou sente medo em relação ao que vê. Por sua vez a boca acentuada e vermelha diz-nos que esta é uma criança faladora e energética.

Os dois bonecos estão vertidos de azul, que simboliza a paz, a harmonia e a tranquilidade. É uma criança introvertida e deseja andar ao seu próprio ritmo. Os bonecos não possuem pés o que leva a pensar que a criança procura estabilidade e desta forma não tem possibilidade de se movimentar por si, tudo depende do ambiente que a rodeia. Os braços de ambos os bonecos encontram-se desenhados para cima. A criança quer ser entendida, o facto de levantar os braços representa esperança e desejo de uma resposta imediata.

Na parte inferior da folha a criança informa-nos sobre as suas necessidades físicas e materiais, o verde reflete a sua curiosidade, o conhecimento e o bem-estar.

Do lado superior direito é visível uma flor. O lado superior representa a imaginação e a curiosidade no futuro. As flores são o símbolo do amor ou seja a criança deseja agradar. A flor encontra-se pintada de rosa e azul, o rosa simboliza a doçura e o azul a paz e a harmonia.

## **Desenho do Jardim-de- Infância**



**Descrição da criança** –  
“Escola. Jogar as escondidas.  
Boneca e menina”.

**Análise do desenho** - O  
desenho encontra-se  
desenhado na horizontal e a  
cor predominante do desenho  
é o azul. O azul simboliza a

paz, a harmonia e a tranquilidade. É uma criança introvertida, que não se deve apressar ou alterar os seus hábitos.

A criança desenhou um sol sem raios. O sol desenhado à esquerda da folha (o lado esquerdo representa o passado ou a ligação com a mãe), a criança indica-nos a influência de uma mãe autónoma que se mexe e age sem esperar pelos outros. Um sol sem raios faz uma alusão a uma perda de entusiasmo e autonomia relativamente á mãe.

Do lado esquerdo encontra-se um boneco, o lado esquerdo remete-nos para o passado, a criança não vive o presente e não antecipa o futuro. O boneco possui os olhos e uma boca muito pequena. Os olhos grandes e redondos denotam uma criança curiosa ou com medo relativamente ao que vê. Uma boca pequena e pouco acentuada leva-nos a crer que a criança não diz nada.

O boneco possui ainda os braços virados para cima o que denota que a criança quer ser entendida e deseja uma resposta imediata.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “A família está presente porque é uma reunião”.

## ➤ Criança 4

### Desenho da Família



**Descrição da criança-** “Mano, eu e a bola”.

**Análise do desenho -** Este desenho encontra-se em tons de verde, vermelho e laranja. A criança que utiliza o verde mostra maturidade, ela compreende as coisas que lhe

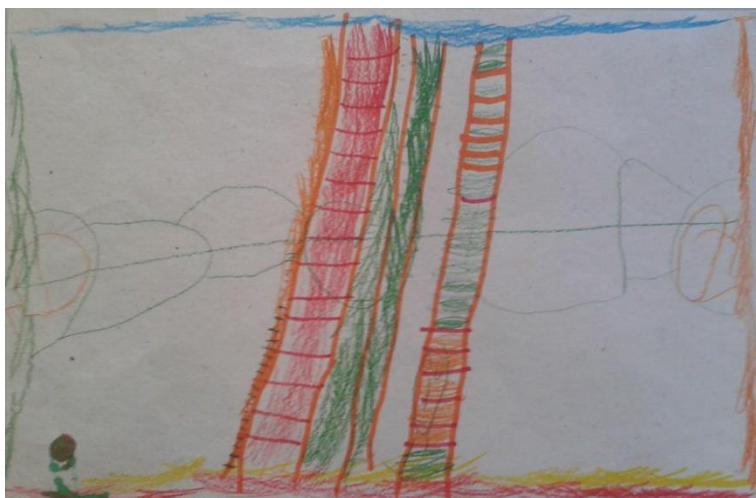
explicam e gosta de as experimentar como consequência. De natureza sensível e intuitiva, ela depressa sabe quando lhe mentem ou lhe dissimulam determinados factos.

Ao usar o vermelho esta criança demonstra ser uma criança energética, de espírito desportivo ou que vive de agressividade um pouco destrutiva. A criança que utiliza a cor laranja tem um fraco pela novidade e pelas coisas feitas depressa, gosta de jogos em grupo e demonstra espírito de equipa.

Do lado esquerdo existe um boneco chamado boneco tipo fósforo, o que significa que a criança dá pouca importância e pretende chamar a atenção para o seu desenho. Do lado oposto (lado direito- ligado ao futuro) encontra-se outro boneco, este é um boneco mais composto que já possui corpo. O boneco encontra-se ligado às pessoas que rodeiam a criança neste caso, um dos bonecos é a criança e o outro o irmão.

No boneco do lado direito é visível um coração o que demonstra os elementos de transparência o que mostra que a criança é inteligente e intuitiva, que é capaz de perceber o pensamento das pessoas ou prever a evolução das situações, diz-se “ir além das aparências”. Neste desenho destacam-se ainda a cor preta e um pequeno apontamento de amarelo. O preto representa o inconsciente, e indica-nos que a criança não tem medo do amanhã. O amarelo veicula o conhecimento, a curiosidade assim como a alegria de viver.

### **Desenho do Jardim-de- Infância**



**Descrição da criança** – “R e escadas”.

**Análise do desenho-** Neste desenho a criança criou uma “moldura” em volta do desenho. Na parte superior da folha que diz respeito á imaginação pintou de azul o

que no remete para a calma e tranquilidade. Do lado esquerdo (ligado ao passado) a criança pintou de laranja, a novidade pelas coisas e a necessidade de contacto social e público. O lado direito (ligado ao futuro) pintou de verde, que por um lado reflete a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar. Na parte inferior da folha (as necessidades físicas e matérias da criança) pintou com duas cores o amarelo e o vermelho. O vermelho como energética e ativa e o amarelo como cor de alegria e curiosidade.

No centro da folha encontram-se duas escadas numa delas denota-se um boneco que neste caso é um boneco tipo fósforo o que nos indica que a criança dá pouca importância e deseja chamar a atenção.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** Não respondeu.

➤ **Criança 5**

**Desenho da Família**



**Descrição da criança** – Não respondeu.

**Análises do desenho** - As crianças que desenhavam bonecos com traços simples, indicam-nos que a criança dá pouca importância, o chamado boneco fósforo. Um dos bonecos possui os braços virados para cima e o outro possui os braços abertos. Os braços virados para cima

demonstram que a criança quer ser ouvida, sente necessidade de ser respondida. Por outro lado os braços abertos indicam a necessidade de interação. Ambos os bonecos encontram-se pintados de amarelo, o amarelo indica-nos que é uma criança expressiva, extrovertida, otimista e sobretudo ambiciosa. Ela é exigente em relação a si própria e em relação aos outros.

Os bonecos possuem olhos, nariz e boca. Os olhos redondos e bastante expressivos demonstram que a criança tem a curiosidade à flor da pele ou então sente-se estupefacta com aquilo que vê. A boca acentuada indica que a criança fala pelos cotovelos.

Neste desenho as cores de maior realce são o vermelho, o amarelo e o cinzento. O vermelho diz-nos que é de natureza energética, de espírito desportivo ou que vive de agressividade um pouco destrutiva. A criança que desenha as suas formas com o cinzento está em período de transição, um pé no passado e um pé no futuro.

Um dos bonecos encontra-se no centro da folha e o outro do lado direito, o que indicia que a criança está no presente mas possui uma ligação com o futuro.

### **Desenho do Jardim- de- Infância**



**Descrição da criança** – Não respondeu.

**Análise do desenho** - Neste caso a criança não desenhou nada em concreto, limitou-se a fazer traços de diversas cores.

Os traços informam-nos sobre a velocidade de espírito ou sobre a hesitação. O traço tracejado ou cortado leva-nos a pensar que o movimento de partida é impulsivo e que de repente, a criança apercebe-se que a trajetória não vai na direção desejada. A criança tem consciência de novas necessidades, ou seja, sente-se uma hesitação em viver numa transformação. Existe uma instabilidade entre aquilo que ela pode ou deseja ter e aquilo que ela já possui e que lhe dá uma grande segurança.

No caso dos traços a preto, o traço é mais forte o que denota alguma agressividade. A criança optou por usar as cores: preta, azul e amarelo. O preto indica-nos que a criança tem confiança, o amanhã não lhe mete medo. Esta criança adapta-se facilmente aos imprevistos que o destino traz. O azul simboliza a paz, a harmonia e a tranquilidade. É uma criança introvertida e deseja andar ao seu próprio ritmo. Os amigos são poucos e ocasionais.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** Não respondeu.

➤ **Criança 6**

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança –**  
 “Pai; avó; avô; os pássaros;  
 a cadela Pipoca, Pucca e o  
 Mac (o cão): eu; mana e  
 mãe”.

**Análise do desenho -** Este desenho é composto por vários bonecos, todos de diferentes tamanhos. Todos possuem olhos, uns mais expressivos que outros. Os mais expressivos podem indicar que a criança é curiosa ou está com medo. Os bonecos que se encontram no centro (presente) e no lado direito (futuro) possuem uma boca expressiva o que ligado ao vermelho nos diz que a criança é uma criança enérgica e faladora.

Estes bonecos possuem ainda braços que se encontram abertos o que indica a necessidade de interação. A criança está preparada para tudo o que lhe quisermos dar no futuro. Em oposição a estes bonecos a criança desenhóu dois bonecos do lado esquerdo (passado) sem braços, o que denota que a criança no passado pode-se ter sentido incapaz de tomar uma situação em “mãos”. Em grande parte os bonecos representam a família e neste caso a criança identificou-os como sendo o pai, os avós, a própria criança, a irmã e a mãe.

A criança desenhóu ainda uma cadela e um cão que se encontram do lado esquerdo da folha. No lado superior direito da folha, a criança desenhóu pássaros. O tipo de animal desenhado indica-nos o forte das suas preocupações: as necessidades físicas, emotivas ou intelectuais... Neste caso os desenhos com cães, demonstram que a criança adora a sua companhia e que não aprecia a tranquilidade. Os pássaros denotam a curiosidade, a alegria, mas também o desejo de fazer muitas coisas ao mesmo tempo mas a curto prazo.

### Desenho do Jardim-de-Infância



#### **Descrição da Criança**

– “T (educadora); eu a I: Marina (estagiária); L (auxiliar) e S (educadora)”.

#### **Análise do desenho-**

Neste desenho a criança faz referência á equipa

educativa do jardim-de-infância. Neste caso as educadoras, a auxiliar, a estagiária e duas crianças.

Os bonecos são bonecos tipo fósforo e apenas possuem olhos e cabelo, os olhos grandes representam a curiosidade ou o medo. O facto de não ter boca leva-nos a crer que a criança não diz nada. Os braços encontram-se abertos o que indica a necessidade de interação. A criança não desenhou os pés, o que nos diz que poderá estar á procura de estabilidade.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “Porque não devem estar no Jardim de Infância”.

➤ **Criança 7**

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança** – “Casa, cadeiras e mesa; irmão, mãe e pai”.

**Análise do desenho** - A criança desenhou quatro bonecos que identificou com sendo a sua

família (irmão, mãe, pai e ele próprio). Cada boneco está desenhado com uma cor diferente. O boneco do lado esquerdo (passado) encontra-se desenhado na cor verde. A cor verde reflete a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar. De seguida desenhou o boneco de vermelho, o vermelho representa o sangue, a vida, o ardor nos gestos, é uma cor fundamentalmente “ativa” e enérgica. O boneco cor-de-rosa remete-nos para a doçura e para a ternura. Por sua vez o boneco verde reflete a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar.

Todos os bonecos possuem mãos, pés, olhos, nariz, boca, cabelo e orelhas. Uma boca acentuada mostra-nos que a criança gosta de falar é uma faladora. A expressão “baixar os braços” pode corresponder ao desenho da criança que colocou os braços do boneco no comprimento do corpo. Ela está numa fase onde não quer o contacto social. Do lado direito da folha, ligado com o futuro a criança desenhou um sol, uma casa e uma mesa com cadeiras. O sol que brilha do lado direito da página informa-nos sobre o tipo de percepção que a criança tem do pai. A casa representa a emoção vivida do ponto de vista social. A casa possui várias janelas e uma porta. Uma porta pequena mostra-nos uma criança rebelde a convidar as pessoas para casa. Ela é muito seletiva com os seus amigos ou pais. A sua porta só se abre quando ela quer. Quanto mais janelas houver mais a criança está curiosa para conhecer o que se passa à sua volta. Ela adora dar uma vista de olhos, a seu grado, ao que a rodeia.

A casa possui uma chaminé que está a deitar fumo, o fumo informa-nos sobre o grau e o tipo de emoção que circula no seio da família da criança ou no seu ambiente. Um traço ligeiro, parecido com um fio, faz-nos entrever duas possibilidades: ou que o

lume se apaga ou que se acendeu à pouco. Quanto mais a casa parecer convidativa, viva pelas cores empregadas, mais a criança vive uma situação de valor, ela sente-se revigorada. Pode dizer-se que a atmosfera familiar é positiva. Portanto, um fumo ligeiro, uma casa com janelas grandes e cores alegres indicam um novo acontecimento (um novo fogo acaba de se acender no lar).

### **Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “Recreio; casinha; escola primária; rede; grade. A escola está fechada é sábado”.

**Análise do desenho** - Os desenhos geométricos são vistos como uma representação da forma interior do nosso ser. O indivíduo é visto como sendo a forma e a luz. A forma aqui em baixo mencionada não é só o corpo físico mas o labirinto através do qual a pessoa deve caminhar ao longo da vida. As cores utilizadas neste desenho são o vermelho e o verde. O vermelho é de natureza energética, de espírito desportivo ou que vive de agressividade um pouco destrutiva. Este representa o sangue, a vida, o ardor nos gestos, é uma cor fundamentalmente “ativa”.

O verde reflete a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar. A criança que utiliza o verde demonstra maturidade, ela compreende as coisas que lhe explicam e gosta de as experimentar como consequência. De natureza sensível e intuitiva, ela depressa sabe quando lhe mentem ou quando lhe dissimulam determinados factos. A sua imaginação verifica-se pela sua iniciativa. A sua energia física é constante.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?” Não era sábado.”**

➤ Criança 8

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança** – “A minha família: tia, avó, mãe, tio, pai e mana.”

**Análise do Desenho** - Os bonecos representam um grande parte dos casos, a própria criança ou as

personas que a rodeiam neste caso a criança identifica-os como sendo a sua família: tia, avó, mãe, tio, pai e mana. A criança que faz traços redondos e grandes para os olhos é curiosa e tem talvez a curiosidade à flor da pele. Enquanto que uma boca acentuada, quer seja pela abertura quer seja pela cor, indica-nos que a criança fala pelos cotovelos. Os braços colocados na horizontal, à altura dos ombros, os “braços abertos” indicam a necessidade de interação.

**Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “Meninos da escola”

**Análise do Desenho** - Neste desenho a criança apenas desenhou do lado direito da folha, o lado direito indica que a criança só pensa

no futuro. A criança desenhou um traço contínuo cor-de-rosa. O traço contínuo é um movimento que se desloca na folha sem parar ou sem se cruzar com outras linhas e representa um espírito dócil que associado ao rosa nos remete para a doçura e para a ternura. Neste caso os bonecos representam os “meninos da escola”, todos foram

desenhados com a cor violeta. Esta criança tanto pode ser extrovertida como introvertida, ela é periódica. Os olhos possuem traços redondos e grandes o que nós leva a crer que esta criança é uma criança curiosa. Os braços abertos, dizem-nos que esta criança necessita de interação.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** Não porque só os meninos é que andam na escola.

➤ **Criança 9**

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança-** “Parque ao pé de casa. Eu, o pai, a mãe, o mano, a casa e o carro”.

**Análise do Desenho** - Na parte superior da folha a criança coloriu a azul. A zona superior representa o

pensamento, uma vez que se encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

Do lado esquerdo da folha desenhou um sol. O sol é definido como o lado independente e combatente, que quando desenhado do lado esquerdo representa o passado ou a ligação com a mãe. A criança indica-nos a influência de uma mãe autónoma que se mexe e age sem pensar nos outros.

Espalhados pela folha encontram-se bonecos, bonecos esses que a criança identifica como sendo a sua família. Os bonecos possuem uma boca expressiva o que indica que a criança é uma criança faladora. Os olhos redondos e muito pequenos indiciam que a criança prefere não ver a situação ou está consciente de que lhe escondem algo e ela está preparada para jogar o jogo. O facto de os bonecos não possuírem pés podem indiciar que a criança procura estabilidade.

## **Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “Escorrega e parte exterior”.

**Análise do Desenho** - Neste desenho a criança descreveu-o como sendo um escorrega e a parte exterior do

Jardim-de-Infância as cores utilizadas forma o cor-de-rosa o violeta e o castanho.

A criança que utiliza o cor-de-rosa é uma criança que prefere conhecer ou estar em contacto com as coisas agradáveis e fáceis.

O violeta denota que esta é uma criança que se distingue pelo seu comportamento, tanto é extrovertida como introvertida, ela é periódica. A cor castanha é um elemento da terra, a criança é agarrada ao conforto e à segurança.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “ Não porque é o escorrega da escola.”

➤ **Criança 10**

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança-** “Casa, o sol, o céu, eu e as manas e os pais”.

**Análise do Desenho** - Neste desenho a criança é divisível o céu na parte superior da folha. A zona superior representa o pensamento, uma vez que se encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

Do lado esquerdo a criança desenhou o sol. O sol possui olhos, nariz e boca. O sol que brilha á esquerda da folha indica-nos a influência da mãe. Uma mãe que é autónoma que se mexe e age sozinha sem esperar pelos outros. Os raios dão-nos a saber, se eles são muito ardentes, que a mãe é um pouco invasora.

No centro da folha a criança desenhou uma casa, ela representa a emoção vivida no ponto de vista social. Uma casa grande significa que a criança vive numa fase mais emotiva que racional.

No desenho constam ainda cinco bonecos de tamanhos diferentes o que nos remete para a sua família. Os bonecos maiores são os pais e os mais pequenos são as irmãs e a própria criança. Todos os bonecos possuem olhos e boca. Os olhos são redondos e pequenos o que indica que a criança prefere não ver a situação ou está consciente que lhe escondem algo e ela está preparada para jogar o jogo. A boca acentuada indica-nos que a criança fala pelos cotovelos. Os braços colocados na horizontal, à altura dos ombros indicam uma necessidade de interação.

### **Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “Escola, grades, portão. Os meninos estão lá dentro a almoçar.”

**Análise do Desenho** - A parte superior da folha representa o pensamento, uma vez que se encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura. O sol possui olhos, nariz e boca. O sol que brilha á esquerda da folha indica-nos a influência da mãe. Uma mãe que é autónoma que se mexe e age sozinha sem esperar pelos outros. Os raios dão-nos a saber, se eles são muito ardentes, que a mãe é um pouco invasora.

A casa é um dos elementos centrais e que maior destaque possui no desenho. A casa representa a emoção vivida do ponto de vista social.

Na parte central da folha a criança desenhou uma porta grande com maçaneta. Uma porta grande é sinal de boas-vindas para qualquer pessoa. A vida para este tipo de criança é uma festa perpétua ... ou deve ser uma. A maçaneta do lado esquerdo indicia que a criança está ligada ao passado. A criança não gosta de mudanças muito bruscas ou precipitadas.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “Não porque não é da escola.”

➤ **Criança 11**

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança-** “Nuvens; sol; casa. Eu em casa do pai, a mãe está a trabalhar.”

**Análise do Desenho -** Na parte superior da folha a criança coloriu a

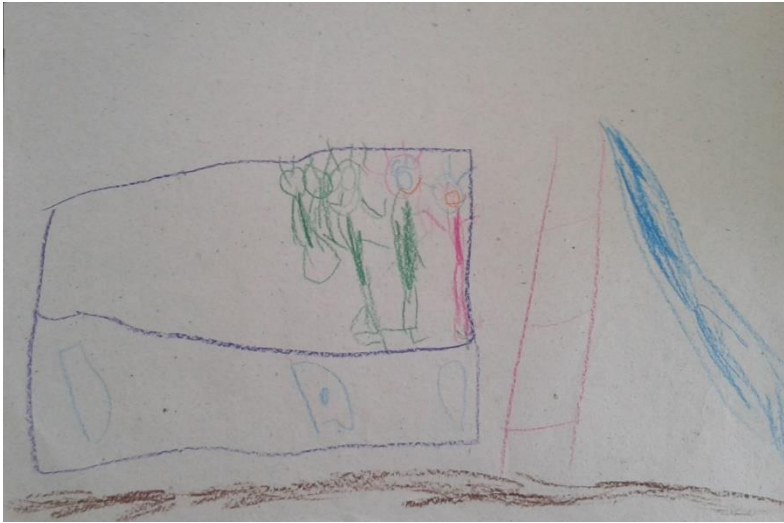
azul. A zona superior representa o pensamento, uma vez que se encontra a azul indicamos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

O sol que brilha á esquerda da folha indica-nos a influência da mãe. Uma mãe que é autónoma que se mexe e age sozinha sem esperar pelos outros. Os raios dão-nos a saber, se eles são muito ardentes, que a mãe é um pouco invasora.

Do lado direito da folha a criança desenhou um boneco com os braços abertos na horizontal o que indica uma necessidade de interação.

No centro da folha a criança desenhou uma casa, este é um elemento que representa as emoções do ponto de vista social. Esta casa possui uma grande porta que convida todos a entrar e a sua maçaneta do lado direito indica-nos que esta criança necessita de uma mudança.

## Desenho do Jardim-de-Infância



**Descrição da Criança** –  
Escola; A; eu; namorado;  
professor e escorrega

**Análise do Desenho** - No  
centro da folha a criança  
desenhou uma casa, mas  
esta casa é transparente ou

seja os bonecos encontram-se no interior da mesma. Os elementos de transparência demonstram primeiramente que esta criança é uma criança inteligente e intuitiva ou que podemos estar na presença de uma criança que é levada a mentir, que tem o hábito de camuflar os seus pensamentos.

A casa possui duas janelas e uma porta com maçaneta. A maçaneta no centro da porta indica-nos que estamos na presença de uma criança que procura independência, a autonomia e que de uma determinada maneira, gosta muito de se distinguir dos outros. No final da folha (as necessidades físicas da criança) esta pintou de castanho. O castanho diz-nos que a criança é agarrada ao conforto e à segurança.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de -Infância?** “Não porque a mana levou-me á escola e não podia ir para casa.”

➤ Criança 12

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança-** “Mãe; C (irmã); eu e o pai”.

**Análise do Desenho -** Na parte superior da folha a criança coloriu a azul. A zona superior representa o pensamento, uma vez que se

encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

O sol do lado direito informa-nos sobre o tipo de relação que a criança tem com o pai. Neste desenho a criança desenhou cinco bonecos. Os bonecos possuem olhos redondos e grandes o que denota que esta é uma criança curiosa, e a boca acentuada diz-nos que é uma criança faladora. Os braços abertos na horizontal indicam uma necessidade de interação, a criança está preparada para tudo.

Do lado esquerdo a criança desenhou uma casa. A casa representa as emoções do ponto de vista social. A casa possui duas janelas pequenas. As pequenas janelas pedem-nos que seja-mos discreto e prudente em relação à criança. Uma porta grande é sinal de boas vindas a qualquer pessoa ou quase: “ a companhia dá energia”. A maçaneta do direito indica-nos que a criança necessita de uma mudança.

### **Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “ M. M.; eu; G; T e D (primos); escorrega; janelas; porta”.

**Análise do Desenho** - Na parte superior da folha a criança coloriu a azul. A zona superior representa

o pensamento, uma vez que se encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

O sol do lado direito informa-nos sobre o tipo de relação que a criança tem com o pai.

No centro da folha a criança desenhou uma casa, mas esta casa é transparente ou seja os bonecos encontram-se no interior da mesma. Os elementos de transparência demonstram primeiramente que esta criança é uma criança inteligente e intuitiva ou que podemos estar na presença de uma criança que é levada a mentir, que tem o hábito de camuflar os seus pensamentos.

A casa possui duas janelas e uma porta com maçaneta. A maçaneta do lado direito diz-nos que a criança necessita de uma mudança.

A criança tal como referido desenhou dentro da casa quatro bonecos. Os bonecos possuem olhos redondos e grandes o que denota que esta é uma criança curiosa, e a boca acentuada diz-nos que é uma criança faladora. Os braços abertos na horizontal indicam uma necessidade de interação, a criança está preparada para tudo.

No final da folha (as necessidades físicas da criança) esta pintou de castanho. O castanho diz-nos que a criança é agarrada ao conforto e à segurança.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “Não porque é a escola.”

## ➤ Criança 13

### Desenho da Família



**Descrição da Criança-** “Mãe e avô”.

**Análise do Desenho** - Na parte superior da folha a criança coloriu a azul. A zona superior representa o pensamento, uma

vez que se encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

Do lado esquerdo da folha a criança desenhcou dois bonecos. O boneco representa em grande parte dos casos, a própria criança ou as pessoas que a rodeiam. O facto de estarem do lado esquerdo significa que a criança possui uma ligação com o passado. Os bonecos possuem os braços virados para cima, a criança quer ser entendida. O facto de levantar os braços representa esperança e desejo de uma resposta imediata (ela implora).

Os olhos dos bonecos são olhos muito pequenos o que significa que ela prefere não ver a situação ou está consciente de que lhe escondem algo e ela está preparada para jogar o jogo. Os bonecos foram desenhados em violeta e pintados de cor-de-rosa. O violeta diz-nos que é uma criança tanto extrovertida como introvertida, o cor-de-rosa é uma cor que transmite a doçura e a ternura.

No centro da folha ligado ao presente a criança desenhcou uma casa. Esta casa possui três janelas e uma porta com maçaneta. A casa representa as emoções vividas do ponto de vista social. A casa pequena representa o estado de alma de uma criança, mais introspetiva, colocando determinadas perguntas. Quanto mais janelas houver mais a criança está curiosa para conhecer o que se passa à sua volta.

Uma porta pequena mostra-nos uma criança rebelde a convidar as pessoas para casa. A maçaneta do lado direito corresponde à criança que procura uma mudança.

O final da folha a pintou a verde, o verde reflete a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar.

### **Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** – “É a escola e está a chover e estão lá dentro a fazer os trabalhos.”

**Análise do Desenho** - No centro da folha ligado com o presente a criança desenhóu uma casa. Esta casa possui

três janelas e uma porta com maçaneta. A casa representa as emoções vividas do ponto de vista social. Esta é uma casa grande o que indica que a criança vive numa fase mais emotiva que racional. Quanto mais janelas houver mais a criança está curiosa para conhecer o que se passa à sua volta. A porta é uma porta pequena e mostra-nos uma criança rebelde a convidar as pessoas para casa. Ela é muito seletiva com os seus pais e amigos. A maçaneta do lado direito da porta corresponde a uma criança que procura a mudança.

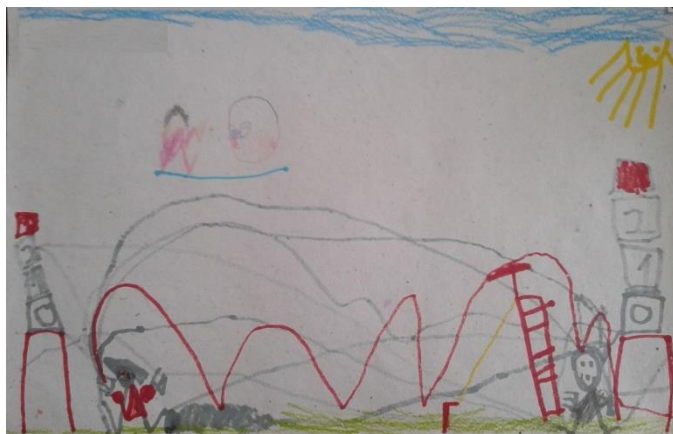
Na parte superior da folha, que representa a imaginação a criança desenhóu a chuva. A manifestação da chuva é muitas vezes interpretada como as lágrimas que a criança derrama de tristeza. A criança é limpa e purificada pela água, “ depois da tempestade, vem a bonança...”

No final da folha (as necessidades físicas da criança) esta pintou de castanho. O castanho diz-nos que a criança é agarrada ao conforto e à segurança.

**Porque não desenhóu a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “ Não porque aqui é a escola.”

➤ **Criança 14**

**Desenho da Família**



**Descrição da Criança-** “Baliza; bolas; chutar; Escorrega; mãe; irmã; eu e pai”.

**Análise do Desenho -** Na parte superior da folha a criança coloriu a azul. A zona superior representa o pensamento, uma vez que se

encontra a azul indica-nos que a criança está em paz e que não se sente insegura.

Do lado direito aparece um sol, o sol que brilha á direita informa-nos sobre o tipo de perceção que a criança tem do pai. O sol radioso pode indicar uma certa tendência para a violência verbal ou física por parte do pai.

O desenho contempla ainda alguns bonecos tipo fósforo o que nos indica que a criança dá pouca importância e deseja chamar a atenção para o seu desenho.

Outro elemento de destaque é o traço contínuo, que a criança desenhcou de um lado ao outro da folha. O traço contínuo representa um espírito dócil. Tanto do lado esquerdo como do lado direito da folha a criança desenhcou quadrados. Os quadrados representam a solidez, a determinação, o poder de decisão.

## Desenho do Jardim-de-Infância



**Descrição da Criança** – “Escorrega. Eu a escorregar. Árvore; escadas; cordas; está a chover.”

**Análise do Desenho** - Este desenho possui na parte superior as nuvens. As nuvens dizem-nos que a criança está consciente que os

seus dias podem ser repletos ao mesmo tempo de momentos agradáveis e desagradáveis. As nuvens azuis dizem-nos que o tempo está bom mesmo se o ambiente não está de acordo com determinados pontos. Pelo desenho da árvore à direita, a criança assinala-nos a necessidade de respostas às suas perguntas. Uma criança de saúde frágil desenha uma base estreita sem fazer muita pressão no lápis, também ela é mais fácil de desenraizar. A imaginação e a criatividade revelam-se através dos ramos e das folhas. A seiva que alimenta a árvore produzirá uma folhagem abundante. Os traços a azul, que envolvem todo o desenho, a criança identificou-os como sendo a chuva. A chuva é uma manifestação que muitos associam á tristeza, às lágrimas da criança. A criança é limpa e purificada pela água, “ depois da tempestade, vem a bonança...”

A criança faz ainda referência a ela própria mas no desenho o boneco não é de fácil perceção.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “Não porque é da escola.”

## ➤ Criança 15

**Desenho da Família**

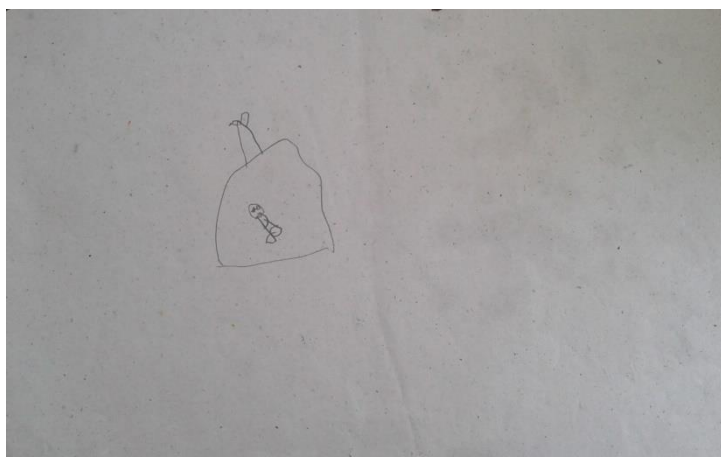
**Descrição da Criança-**  
“Mundo; a mãe; eu e o pai”.

**Análise do Desenho -** A parte superior da folha representa o pensamento, uma vez que se encontra a azul indica-nos que a

criança está em paz e que não se sente insegura. O sol que brilha á esquerda da folha indica-nos a influência da mãe. Uma mãe que é autónoma que se mexe e age sozinha sem esperar pelos outros. Os raios dão-nos a saber, se eles são muito ardentes, que a mãe é um pouco invasora.

No centro da folha ligado ao tempo presente a criança desenhou dois bonecos. Que se encontram de braços abertos o que indicam um necessidade de interação. De salientar que um dos bonecos possui olhos expressivos e uma boca acentuada o que indica que esta criança é uma criança curiosa e faladora. Em oposição o outro boneco possui uns olhos pequenos e não possui boca o que nos diz que a criança não quer ver uma situação ou que lhe escondem algo. O facto de não ter boca indicia que a criança não diz nada.

### **Desenho do Jardim-de-Infância**



**Descrição da Criança** –  
“Escola e um menino”.

**Análise do Desenho** - O desenho do lado esquerdo indica-nos que os pensamentos da criança estão direcionados para o passado.

Ela não vive o momento presente e não antecipa o futuro. O facto de o desenho ser tão pequeno relativamente ao tamanho da folha indica-nos uma certa retração em relação aos outros, uma menor necessidade de se afirmar, contentam-se com pouco.

O facto de usar apenas uma cor uniforme é como se a criança não quisesse esconder nada, ela deseja ser descoberta e compreendida. Esta criança dá mais importância ao traço e à forma em detrimento da cor. É visível que existe um pequeno boneco e que este se encontra dentro da escola como referiu a criança.

**Porque não desenhou a família no desenho do Jardim-de-Infância?** “ Não, porque não sei.”

### **Anexo 3 - Questões para a entrevista às crianças**

#### **Questões para as crianças**

- Quem faz parte da tua família?
- Quem te traz e te leva de manhã e a tarde de e para o Jardim-de-Infância? Essa pessoa costuma entrar para falar com a educadora?
- A tua família costuma participar nas atividades promovidas pelo Jardim-de-Infância?
- A tua família costuma ajudar-te nas pesquisas que são necessárias?
- A tua família está presente nas festas?
- A tua família pergunta-te o que fazes no Jardim-de-Infância?
- Gostas do Jardim-de-Infância? Porquê?
- Gostas das pessoas que trabalham no Jardim-de-Infância?
- Gostarias que a tua família participasse mais nas atividades do Jardim-de-Infância?

## Anexo 4 - Resposta das crianças à entrevista

### *Entrevista às crianças*

	Idade	Sexo
Criança 1	5	Feminino
Criança 2	5	Feminino
Criança 3	5	Feminino
Criança 4	4	Masculino
Criança 5	4	Masculino
Criança 6	5	Masculino
Criança 7	5	Masculino
Criança 8	4	Feminino
Criança 9	4	Feminino
Criança 10	6	Feminino
Criança 11	4	Feminino
Criança 12	5	Feminino
Criança 13	4	Feminino
Criança 14	6	Masculino
Criança 15	4	Feminino

Total de 15 crianças: 10 do sexo Feminino

5 do sexo Masculino

7 Crianças com 4 anos

6 Crianças com 5 anos

2 Crianças com 6 anos

<b>Criança</b>	<b>Constituição da família</b>	<b>A familiar que acompanha a criança de manhã e à tarde</b>	<b>Estabelece ligação com a educadora</b>	<b>Participação nas atividades</b>	<b>Ajuda nas pesquisas</b>	<b>A família participa a nas festas</b>	<b>Interesse da família pelo dia da criança</b>	<b>Se gosta do Jardim-de-Infância</b>	<b>Se gosta da equipa educativa do Jardim-de-Infância</b>	<b>Mais participação da família nas atividades</b>
Criança 1	Tio; Tia; Avó; Avô; Tia; Tio; Tia solteira	Mãe; Às vezes a tia ou a avó.	Só a mãe e que fala com a educadora.	Não, porque está a trabalhar.	Sim, o pai.	Não.	Perguntam mas eu não digo porque não me lembro.	Sim, porque tenho amigos.	Sim, porque contam histórias.	Sim, porque gosto.
Criança 2	Todos; Mana; Eu; Pai; Mãe; Escola	Às vezes o pai, outras a mãe, tia, a outra tia e outras vezes a avó.	Sim costumam.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim, porque sim.	Sim, porque trabalha bem e tu (estagiária) trabalhas muito bem.	Sim, porque gosto que eles venham.
Criança 3	Todos. A madrinha; a Judite (prima); a Matilde (prima); avós	Mãe e pai.	Não porque a Tita vem depois de eu vir. Falam no caminho quando se encontram. (caminho de	Não sei.	Sim.	Sim	Sim	Sim, porque estou com as minhas amigas.	Sim, porque trabalha bem.	Sim, porque a minha família é minha amiga e dá-me muitas coisas.

			acesso ao JI).							
Criança 4	Mãe; Pai; Avós; Primos; Manos	Mãe; Pai; Avós	Sim.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim, porque gosto de brincar lá fora.	Sim	Não
Criança 5	Pai; Avós; Manos; Primos	O pai às vezes a mãe.	Não sei	Sim	Sim	Sim, mas às vezes não. Às vezes o pai e o avô.	Sim	Sim porque sim.	Sim	Sim
Criança 6	Primos; Prima; Marina (Estagiária); Liliana (auxiliar); Sandra (Educadora)	Avós; Mãe do primo; Pai e Mãe		Não	Às vezes	Sim	Sim, mas não digo nada.	Gosto porque é giro.	Sim, porque são boas.	Sim
Criança 7	Mãe; pai; irmão; avó; avô; avô ; eu	A família toda.	Às vezes sim.	Sim	Sim	Sim, vem todos.	Sim	Sim porque o meu primo está cá.	Sim porque gosto da escola.	Sim porque gosto.
Criança 8	Mana; mãe; tia; tio; mano; avó; tio; prima;	Pai	Sim	Não porque eles às vezes trabalham.	Sim	Sim	Sim	Sim porque ele é o JI de Eiras.	Sim porque são lindas.	Sim, porque eles às vezes trabalham no pão de

	pai									açúcar.
Criança 9	Mãe; pai; eu; mano	Pai; Mãe	Sim	Sim às vezes.	Não, não faço pesquisas.	Sim	Sim	Sim porque os trabalhos são bonitos.	Sim porque gosto da escola.	Sim porque eu amo muito o mano.
Criança 10	Mãe; pai; irmão; manas (2)	Os avós, a mãe, o pai, a tia, o padrinho e a madrinha.	Não é a hora do lanche.	Sim	Sim	Está	Sim	Sim porque vemos filmes, contamos histórias, brincamos muito, dão doces, damos passeios e trabalhos.	Sim porque ensinam muita coisa.	Sim, porque eles às vezes faltam e gostava que eles me vissem.
Criança 11	Mãe; pai; eu; bisavós. Os outros avós eu nunca mais vi porque separou-se da avó (mãe do pai).	Avô; mãe e padrinho	Não.	Sim duas, a mãe e o pai. Dia do pai/dia da mãe.	Sim os dois.	Sim, quando faço anos.	Não.	Sim porque tem muitas coisas para brincar como a casinha e o recreio.	Gosto fazer coisas divertidas a mim e aos outros.	Sim, porque gosto da minha família e quero que esteja sempre ao meu lado.
Criança 12	A Carlota; A Maria M.;	A mãe e o pai.	Sim	Não por causa da	Sim	Sim	Não	Sim porque é	Sim porque	Sim, porque são a minha

	mãe; avó; avô; o pai está a viver com o Dinis (primo)			Carlota quer papa e eu fico com o pai.				de brincar, é divertido.	gosto da Marina e da Tita.	família.
Criança 13	Mãe; pai; avó; avô; tio; tia	Mãe e pai.	Às vezes.	Sim	Sim o pai.	Sim todos.	Às vezes.	Sim porque tenho mais amigos.	Sim porque são diferentes .	Sim porque o pai e a mãe gostam.
Criança 14	Tio; tia; o primo; avó; avô; pai; mana; mãe; padrinho; madrinha; eu	Mãe e pai.	Não sei.	Não.	Sim a mãe.	Sim, a mãe e o pai às vezes.	Sim	Sim porque é divertido, tem muitas coisas para eu brincar, tem o escorrega e a corda.	Sim porque não sei.	Sim porque eu gosto. Eu gostava que a minha mãe estivesse presente.
Criança 15	Constança; mãe; Jim; mana; avó; pai; avô	Avó e mãe.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim porque gosto.	Sim porque gosto.	Sim porque gosto.

**Anexo 5 - Mural Jardim-de-infância / Família**

<b>Criança</b>	<b>O meu Jardim-de-infância é ...</b>	<b>A minha família é ...</b>
Criança 1	Linda; Bonita; Gosto muito de brincar no castanho	Bonita; Linda
Criança 2	Linda; Os meninos brincam muito no castanho.	Linda; Brinca comigo; Gosto do papá; Gosta de brincar
Criança 3	Jogar jogos com a Matilde.	Adoro-te; Brinca comigo.
Criança 4	Linda	Linda
Criança 5	Gira	O pai brinca comigo; A mãe brinca comigo.
Criança 6	Linda; Fofinha	Linda; Fofinha; Boa
Criança 7	Fixe	Amiga; Brinca; Vou ao escorrega com o pai; Vou passear; Vou às lojas.
Criança 8	Linda	Boa; A minha mãe gosta de mim; O meu pai adora ir á piscina comigo.
Criança 9	Especial	Especial; Perto da escola
Criança 10	É muito trabalhador; Comem muito e portam-se mais ou menos.	Engraçada; Divertida; É muito grande; Eu amo a minha família; Lá em casa todos trabalham e são talentosos.
Criança 11	Fixe; Posso brincar; Aprender coisas.	Divertida; Compra-me coisas.
Criança 12	Brincar	Adoro-a; Gosto de brincar com a Carlota (irmã); Eu gosto da minha família; O meu pai é forte
Criança 13	Grande	Grande
Criança 14	Tem muitas coisas para brincar	Amiga; Brincalhona
Criança 15	Linda; Fofinha	Amiga; Fofinha; Brincar; Gosto de brincar com a Constança

### Anexo 6 – Registo fotográfico do Mural Jardim-de-infância / Família



Imagem 1 Início da elaboração do mural



Imagem 2 Flores, o meu jardim é ...



Imagem 3 Corações, a minha família é ...



Imagem 4 Mural Completo

